



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O lúdico como estratégia educativa

BRUNA ALESSANDRA SILVA LIMA

BRASÍLIA – DF
MARÇO DE 2013

BRUNA ALESSANDRA SILVA LIMA

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O lúdico como estratégia educativa**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, como requisito à Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

**BRASÍLIA – DF
MARÇO DE 2013**

BRUNA ALESSANDRA SILVA LIMA

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O lúdico como estratégia educativa**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, como requisito à Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Professora Doutora Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (Membro Interno)
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Professora Especialista Carla Castelar Queiroz de Castro (Membro Externo)
Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal

Brasília, _____ de _____ de _____.

À minha família e ao meu namorado, por tudo que eles significam em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar meus agradecimentos, primeiramente, recordo-me de Deus. Graças a Ele, tive a oportunidade de ingressar na Graduação e conseguir percorrer todo este processo dentro da Universidade de Brasília (UnB).

Agradeço à minha família, que me deu todo o suporte durante a minha vida, amou-me, educou-me e me ensinou preciosidades, como, por exemplo, o respeito e a perseverança. Em especial, agradeço aos meus pais, que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões, desde as mais fáceis àquelas mais difíceis. E obrigada por terem aceitado a minha escolha. E agradeço ainda às minhas duas irmãs, Gabriela e Carolina, que estiveram bem próximas em todos os momentos.

Não posso esquecer-me dos meus amigos, em especial, minha amiga Daiany Araújo, que durante o período da Graduação, sempre esteve próxima quando necessitei de uma amiga.

Em especial, quero agradecer ao meu namorado, Frederico de Lázari, que me auxiliou muito, foi muito companheiro durante o curso na Universidade e compreensivo neste período de certo afastamento.

Aos professores, que com grande dedicação, amizade, compreensão e esforço, transmitiram seus conhecimentos e experiências de vida. Faço esta menção com profundo sentimento de gratidão. Em especial, à professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, que me orientou na formação do presente estudo.

Muito obrigada! É o mínimo que posso dizer a todos que, mesmo indiretamente, contribuíram para a conclusão do curso de Pedagogia e cumprir mais uma etapa da minha vida.

A todos, muito obrigada!

A atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo por isso, indispensável à prática educativa.

Jean Piaget

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo identificar como a utilização da ação lúdica influencia no aprendizado, e como os educadores estabelecem e conduzem tal metodologia com seus alunos, como ferramenta de ensino e aprimoramento da aprendizagem. O processo de aprendizagem faz parte do ser humano, e a criatividade faz com que aquele processo se desenvolva a partir de novos experimentos. Tem-se, então, no lúdico, uma forma de estimular e transformar a assimilação do conhecimento em um processo prazeroso e divertido. A abordagem do lúdico na formação acadêmica e as experiências dos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília foi o tema investigativo desta pesquisa qualitativa alicerçada nos fundamentos de autores como Kishimoto, Sousa, Paniagua e Palácios. Por meio de questionário aplicado em onze participantes do referido curso, os resultados da pesquisa apontam uma favorável aceitação da metodologia lúdica na educação infantil, devido ao consenso que foi apresentado – o brincar é algo próprio do ser humano e através de tal ação, a criança não apenas se diverte, mas também se desenvolve como sujeito.

Palavras-chave: Lúdico; Formação acadêmica; Educação infantil; Jogos; Brincadeiras.

ABSTRACT

This study aims to identify how the use of playful action influences on learning, and how educators establish and lead their students with such methodology as a tool for teaching and learning improvement. The learning process is part of being human, and creativity makes that process develop from new experiments. There is, then, in the play, a way to stimulate and transform the assimilation of knowledge in a fun and enjoyable process. A playful approach to the academic experiences of students and the Faculty of Education at the University of Brasilia was the theme of this investigative qualitative research grounded in the fundamentals of authors like Kishimoto, Sousa, Paniagua and Palaces. Through questionnaire in eleven participants that course, search results show a favorable acceptance of ludic methodology in early childhood education, because of the consensus that was presented – the play is something very human and through such action, the child not only have fun but also develops as a subject.

Keywords: Playful. Education. Childhood education. Games. Jokes.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

§	-	Parágrafo
Art.	-	Artigo
CEUB	-	Centro Universitário de Brasília
CF	-	Constituição Federal
DF	-	Distrito Federal
EC	-	Emenda Constitucional
ECA	-	Estatuto da Criança e do Adolescente
FE	-	Faculdade de Educação
IESs	-	Instituições de Ensino Superior
LDB	-	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PAS	-	Programa de Avaliação Seriada
PCNs	-	Parâmetros Curriculares Nacionais
RCNs	-	Referenciais Curriculares Nacionais
SEE/DF	-	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SINUS	-	Simulação das Nações Unidas para Secundaristas
UDF	-	Centro Universitário do Distrito Federal
UnB	-	Universidade de Brasília

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – O lúdico é.....	43
Gráfico 2 – Abordagem do lúdico na formação acadêmica.....	47
Gráfico 3 – Dificuldades para trabalhar ludicamente.....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categoria 1 – Compreensão do lúdico pelos participantes.....	42
Tabela 2 – Categoria 2 – Abordagem do lúdico em sua formação acadêmica.....	46
Tabela 3 – Categoria 3 – Abordagem na prática docente.....	50
Tabela 4 – Categoria 4 – O lúdico no cotidiano escolar da educação infantil.....	53

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
PARTE 1	14
MEMORIAL	15
PARTE 2	20
OBJETIVOS	23
Objetivo geral.....	23
Objetivos específicos.....	23
CAPÍTULO I	24
REFERENCIAL TEÓRICO	24
1.1 Breve histórico da criança	24
1.2 A educação infantil	28
1.3 As implicações do ato de brincar no desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos	30
1.4 O lúdico no contexto educacional.....	32
1.5 O lúdico na formação de professores	36
CAPÍTULO 2	38
METODOLOGIA.....	38
2.1 Método	38
2.2 Participantes	38
2.3 Instrumentos de pesquisa.....	39
2.4 Procedimentos	39
2.5 Escolha da análise de resultados	40
CAPÍTULO 3	41
ANÁLISE DE DADOS	41
3.1 Análise.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
PARTE 3	59
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
APÊNDICE	65
APÊNDICE A.....	66
QUESTIONÁRIO.....	66

ANEXOS	69
ANEXO A	70
FOTO DA FORMATURA DO JARDIM III.....	70
ANEXO B.....	71
CONVITE PARA O LANÇAMENTO DA OBRA “AVENTURAS NO PAPEL”	71
ANEXO C.....	72
FOTO DO “SINUS” – SIMULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA SECUNDARISTAS.....	72
ANEXO D.....	73
FOTO DA PRÁTICA DOCENTE NO COLÉGIO MARISTA.....	73
ANEXO E	74
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	74

APRESENTAÇÃO

O presente estudo encontra-se dividido em três partes, a saber:

- 1) Memorial: tem-se um breve relato da trajetória escolar e acadêmica da autora da pesquisa.
- 2) A monografia propriamente dita: são abordados os seguintes temas: o lúdico, a educação infantil, a criança e sua aprendizagem. Para fins de complementação, realizou-se uma pesquisa junto aos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB), a fim de identificar a abordagem do lúdico em sua formação acadêmica e as suas experiências práticas com a metodologia lúdica de ensino e aprendizagem, bem como analisar a utilização desta metodologia na influência na relação que o professor estabelecerá com seus alunos, no processo de ensino aprendizagem dos alunos de educação infantil. Tem-se ainda a análise dos dados da pesquisa e as considerações finais acerca do tema.
- 3) Perspectivas profissionais: da autora da pesquisa, onde se relatam algumas pretensões referentes aos estudos e à área laboral.

PARTE 1

MEMORIAL

Relembrar e escrever sobre minha trajetória de vida não é nada fácil, porque leva à reflexão sobre minhas atitudes no passado e no presente, além de pensar cada vez mais no futuro.

Nasci, cresci e ainda vivo em Brasília, cidade que carrega lembranças de cada fase de minha vida, desde meu nascimento aos dias de hoje na Academia.

Minha vida escolar começou em creche, pois minha mãe e meu pai trabalhavam o dia inteiro. Fiz minha pré-escola na Escola Canarinho, na Asa Sul, e guardo excelentes recordações daquela instituição de ensino. Apesar do tempo transcorrido, ainda tenho em memória os dias em que passei no Jardim de Infância. As professoras, naquela época “tias” para mim, algumas atividades, as brincadeiras, a sala de aula colorida e acolhedora, o parque, a cantina, alguns coleguinhas e o dia da formatura (vide Anexo A), são lembranças que, apesar de distantes, estão tão vivas na memória e que por estarem assim, me fazem apreciar tanto a educação infantil.

Ao término desta fase, iniciava-se uma nova e desafiadora etapa, e que neste momento, exigia de mim algo a mais: o aprender a ler e escrever, a entrada da letra cursiva em minha alfabetização e, como algo ainda mais radical, a rotina do dever de casa – algo até então inexistente na caminhada educacional. Para esta fase do Ensino Fundamental, mudei-me para uma escola próxima ao trabalho dos meus pais, o “INEI - Asa Norte”. Nesta, minha alfabetização foi tranquila, apesar de ter tido algumas dificuldades em me relacionar com meus colegas de classe, o que resultou em vários momentos e situações desagradáveis, mas sempre coloquei tais situações em segundo plano e me dediquei aos meus estudos. Nesta época, não só me instruí com o que era ensinado em sala de aula pela professora, mas aprendi, também, a lidar com o *bullying*.

O segundo período do Ensino Fundamental também foi um período marcante: construí um grupo seletivo de amigas (muitas, em contato, até os dias atuais), me destaquei com um texto que escrevi para o livro do colégio: *Aventuras no Papel*, e ganhei um prêmio da biblioteca do colégio por ser a mais frequente leitora do colégio.

Neste momento vivi e percebi como a leitura é muito importante na vida e no processo educacional, pois traz benefícios inquestionáveis ao ser humano. Sem dúvida, é uma “forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos” (SOARES, 2000, p. 19). Além disso, no decorrer dos meus estudos até os dias atuais, passei a considerar, que a leitura não fornece apenas a aprendizagem em si, mas também enriquecimento cultural, ampliação das condições de convívio social e de interação. Neste sentido, acredito que o desenvolvimento do meu interesse e da minha capacidade de leitura pode contribuir, automaticamente, para o sucesso de minha escolarização.

No Ensino Médio, tive que mudar de colégio – fui para o colégio do Centro Universitário de Brasília (CEUB). Tenho ótimas recordações daquela escola, onde muito aprendi. Nesta, conheci várias pessoas, aprendi o que é ser diferente, fiz novas amizades, me apaixonei pela primeira vez. Boas lembranças... Mas, por questão de comodidade para os meus pais, voltei para o INEI no ano seguinte, mas o INEI da Asa Sul, ali encerrando esta etapa educacional.

Nos dois últimos anos do Ensino Médio, umas das coisas que mais me marcaram foram as feiras de ciências, as olimpíadas esportivas e as festas de fim de ano, em que todos do colégio se mobilizavam e tornavam aquele lugar ainda mais especial. Outro aspecto também marcante foram as diversas oportunidades oferecidas pelo colégio para o aperfeiçoamento em diversas áreas na vida, com atividades de informática, inglês e a participação na Simulação das Nações Unidas para Secundaristas (SINUS). Aqueles momentos da minha trajetória escolar estavam permeados de ações lúdicas e foram momentos de grande aprendizagem, que me auxiliaram no crescimento profissional e pessoal; momentos onde presenciei, na prática, que o lúdico não se resumia ao divertir-se sem fundamento (OLIVEIRA, 2000), e percebi sua complexidade, mesmo sem possuir algum conhecimento específico do assunto.

Concluindo o Ensino Médio em 2008, e com certa falta de vontade da minha parte, cursei o vestibular para o Centro Universitário do Distrito Federal (UDF), e acabei passando em primeiro lugar para o curso de Pedagogia – fato que me incentivou a estudar ainda mais para a prova do Programa de Avaliação Seriada (PAS), porque já tinha a segurança de ir para uma universidade se não conseguisse ingressar na Universidade de Brasília (UnB). Fiz a prova do PAS, mas fiquei um pouco desacreditada que conseguiria passar, e quando da divulgação do resultado final daquela seleção, não conferi; mas recebi a ligação de uma amiga falando que eu havia passado. Não acreditei e corri para um computador a fim de ter a

confirmação do meu nome na lista de aprovados. É um momento inesquecível, ainda mais quando você não espera que tal fato vá acontecer. Liguei para todos que conhecia e contei a novidade... Não podia acreditar! Agora só me restava esperar o período de matrícula!

Em janeiro de 2009 realizei a matrícula no curso de Graduação de Pedagogia na UnB. Na verdade, não sabia o que o curso me mostraria, mas tinha a certeza que era aquilo que eu queria fazer: estar na “área educacional”; o que eu teria que fazer e mais um monte de dúvidas ainda pairavam em minha cabeça.

Ainda incerta do rumo educacional que seguiria e sem conhecer o amplo espaço da educação, fui cursando as disciplinas obrigatórias e optativas do curso de acordo com o fluxo. O primeiro semestre do curso é uma grande introdução à Universidade e o que é a educação. Ainda é visível aquele clima pós-vestibular. A primeira disciplina que me chamou atenção foi “Perspectivas do Desenvolvimento Humano”, que já trazia uma introdução à Psicologia – área que sempre despertou meu interesse. Passei os outros dois semestres sendo monitora da disciplina tamanha a paixão que desenvolvi pelo assunto. No segundo semestre, fiquei encantada pela disciplina “O educando com necessidades educacionais especiais”, com a professora Patrícia Neves Raposo. Apesar daquela temática não ser do meu interesse, esta me trouxe uma realidade e outra visão da educação: a visão da inclusão, acabava me emocionando quando ali difundiam-se alguns valores essenciais para a educação, como, por exemplo, o respeito, o cuidado e a eficiência para o ensino de portadores de necessidades especiais. Desde aquela época, mesmo não sendo com portadores de necessidades especiais, trabalhei sempre em cima de tais valores para chegar o mais próximo de uma relação ética com meus alunos.

Até aquele momento, o curso mostra-se como algo praticamente teórico. Meu primeiro contato com a prática se deu a partir do terceiro semestre, com a disciplina “Ensino de Ciência e Tecnologia”, que trouxe a discussão do ensino de ciências na escola e o debate sobre o uso dos livros didáticos. Minha primeira experiência prática foi a construção de um livro didático sobre dinossauros.

Outra disciplina que me envolveu naquele semestre foi “Psicologia da Educação”. Desde o primeiro semestre, já me interessava pela área da Psicologia, e esta somente aumentou meu interesse. Em resumo, aquela disciplina mostra-se como um contato básico com os teóricos que vamos estudar ao longo de todo curso, como, por exemplo, Vygotsky, Piaget e Wallon, entre outros menos citados.

A partir do quinto semestre, comecei a ter uma prática do que estava aprendendo. Juntamente com as disciplinas da Graduação, fiz meu primeiro estágio na área, como professora auxiliar de uma classe de alfabetização no Colégio Marista João Paulo II. Somente a partir daí, percebi o que é realmente a prática pedagógica. Apesar de durante o curso termos aulas de didáticas, educação infantil, entre outras, só se conhece, de fato, a educação escolar na prática diária. A Universidade oferece os recursos teóricos para tal prática, além dos processos de desenvolvimento e aprendizagem para, quando estivermos em sala de aula, utilizá-los para aliar à prática docente.

O estágio realizou-se como parte do Projeto 3: Encanto no aprender – O lúdico no contexto educacional, que proporcionou a construção de conhecimentos por meio de fundamentações teóricas, vivências, confecções de materiais e a aplicação de jogos brinquedos e brincadeiras nas séries iniciais com base na ludicidade como estratégia de aprendizagem. Com base no referido projeto, desenvolvi a compreensão do jogo como aspecto fundamental da aprendizagem e do desenvolvimento humano, reconhecendo suas interações com as várias esferas deste desenvolvimento e estabelecendo suas implicações educacionais. Durante o estágio, ainda confeccionei materiais lúdicos pedagógicos a fim de realizar oficinas educativas com os alunos. Ali, então, permaneci um ano, confrontando-me com situações em que as atividades lúdicas relacionavam-se com o desenvolvimento social e educacional da criança, elucidando-me com conceitos como, por exemplo, os de Amarilha e Kishimoto, que apresentavam, respectivamente, o fato da criança empregar o lúdico como uma forma de relacionar-se com o mundo e que esta aprende com o brincar mesmo quando não tem intenção para tal.

Em tais momentos, aprendi que o sujeito aprende brincando, e o ato de brincar pode ser feito em qualquer lugar. No entanto, quando a criança passa a fazer parte da escola se tornando aluno, a ludicidade fica a margem e muitos professores desvalorizam o lúdico dentro do ambiente escolar.

Mas foi em meu estágio obrigatório da faculdade, quando conheci a educação infantil no Jardim de Infância 106 Norte, que me apaixonei pela referida área. Durante o estágio ali exercido, confeccionei materiais lúdicos pedagógicos para realizar oficinas educativas com os alunos, e ministrei aulas duas vezes por semana durante seis meses. Foi uma experiência inesquecível que me mostrou muito mais do que o caminho que gostaria de seguir na educação – ensinou-me a romper com preconceitos e me tornar uma profissional melhor através do ensino com a metodologia lúdica.

Cada dia era um prazer e uma honra estar ali, e perceber o crescimento acadêmico e social daquelas crianças por meio de atividades construídas e pensadas para serem mais prazerosas e produtivas às mesmas.

Era impressionante presenciar conceitos adquiridos em sala de aula na prática e desmistificar determinadas teorias e considerações discutidas no ambiente acadêmico. Um dos conceitos que mais vivenciei foi o do brincar orientado como forma de ensino, que, segundo Kishimoto (2002), é a apropriação do brincar como uma ação livre ou orientada com base na teoria froebeliana, especificamente, pelo fato de Froebel considerar o brincar como uma atividade livre e espontânea, e os dons e atividades, um suporte para o ensino.

Durante o curso, vivenciei os debates da educação – que são amplos e complexos, e aprendi que a educação é um caminho de melhora, tanto do ser humano quanto numa esfera maior. Realizar o curso de Pedagogia foi algo memorável! Encontrei no curso de Pedagogia não somente a minha profissão, mas um rumo a seguir, que me faz acreditar que posso fazer a diferença e construir um caminho melhor com a educação.

O brincar na educação sempre me instigou, dada sua importância para o desenvolvimento do ser humano. Neste sentido, é com o presente estudo que busco identificar como a utilização do lúdico influencia na relação estabelecida entre o professor e os seus alunos de educação infantil, no processo de ensino aprendizagem.

Enfim, pude unir minhas duas paixões no intuito de produzir um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que venha levar outros a se apaixonarem também pela referida temática. E já que com a educação podemos mudar o mundo, porque não mudarmos o mundo de forma prazerosa?

PARTE 2

INTRODUÇÃO

O objetivo geral da pesquisa é verificar como os futuros educadores dão importância ao lúdico, e ainda, saber se estão trabalhando o lúdico como uma boa forma de promover a aprendizagem das crianças na educação infantil e no cotidiano escolar. A pesquisa também pretende observar e analisar se a educação infantil encontra-se preparada para desenvolver o aspecto lúdico.

A escolha do tema justifica-se pelo fato da experiência de estágio da pesquisadora no Jardim de Infância 106 Norte – onde se deu a prática do estágio obrigatório da Graduação – com duração relativamente curta – seis meses. Durante tal período, vivenciou-se particularmente a confecção de materiais lúdicos pedagógicos para a realização de oficinas educativas com os alunos. Sem dúvida, tal experiência foi inesquecível, norteando o caminho a ser seguido pela pesquisadora na área da educação: o ensino através da metodologia lúdica.

É da natureza humana a busca do conhecimento, e tal ação encontra-se presente em todas as fases da vida do ser humano. O homem vive a constante busca pelo saber, pelo aprender, e, de certo modo, parece que tal jornada é prazerosa, configurando-se como uma grande fonte de prazer e importante forma de comunicação, em especial, na infância.

Toda criança aprende a brincar desde os primeiros anos de vida, precisando de alguém disponível para brincar em conjunto, além de ensiná-la a brincar. Neste sentido, tem-se uma relação estreita entre o brincar e o aprender, ou seja, se o brincar pode fazer parte da aprendizagem não sendo somente lazer. Infere-se que o brincar, no contexto educacional, proporciona não somente um meio real de aprendizagem, como também permite que os educadores possam aprender sobre as crianças e suas necessidades. Criar condições para a brincadeira é uma ação que está cada vez mais presente no núcleo escolar e não somente em espaços restritos fora da escola.

Tais atividades devem ser levadas a sério pelos profissionais que atuam principalmente na educação infantil, pois faz-se importante conhecer a função do lúdico no desenvolvimento infantil, uma vez que não se tem aí somente meras brincadeiras que educam e formam o sujeito, acompanhando a evolução física e mental deste e contribuindo para o seu amadurecimento, mas sim, a utilização, de maneira mais adequada, de tudo aquilo que torna o lúdico, segundo Santos (2010), em algo prazeroso e complexo, e que não pode ser definido como simplesmente o ato de “brincar”.

A motivação lúdica mostra-se investigativa, e é algo muito importante para a aprendizagem das habilidades necessárias na vida adulta. Esta ocorre em um período relativamente longo de desenvolvimento e na ausência de riscos para o indivíduo, devido à proteção oferecida pelo adulto. Contudo, tal motivação não deve terminar na vida adulta – momento em que a proteção vinda do outro se extingue –, mas deve perdurar, já que o homem é um sujeito essencialmente lúdico, criativo, preparado para (re)descobrir e ou (re)inventar respostas as dificuldades encontradas ao longo da vida.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar como a utilização do lúdico influencia na relação que o professor estabelece com seus alunos de educação infantil no processo educativo.

Objetivos específicos

Em busca de respostas para o problema aqui apresentado, e para que o objetivo geral seja atingido, têm-se os seguintes específicos:

- analisar como os estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB) conceituam o lúdico;
- identificar as abordagens do lúdico na formação acadêmica dos estudantes do curso de Pedagogia na UnB;
- investigar as experiências com a prática de ensino lúdico junto aos estudantes do curso de Pedagogia na UnB; e
- constatar se os estudantes do referido curso compreendem o lúdico como agente facilitador do desenvolvimento e a aprendizagem ou como o compreendem.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde a antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo inclusive a duração da infância reduzida.

Ariès (1978)

1.1 Breve histórico da criança

Existe uma forte ligação entre a reflexão a respeito da criança e o surgimento da educação infantil. Devido à concepção da ideia de que a criança – da atualidade – nem sempre foi aceita, uma vez que neste pensamento a criança é um sujeito diferenciado do adulto, é possível afirmar que tal fato mostra-se como um ponto de vista recente, se observados os dados históricos.

A criança é um ser complexo, com suas próprias características, com uma forma específico de observar o mundo de modo muito singular, que fornece perspectivas para transformar o mundo – perspectivas que devem ser entendidas dentro do seu estágio de vida. Neste sentido, a escola não complementa ou molda a criança, mas sim, proporciona condições para que se desenvolva plenamente. É um conceito variável e que se estabelece nas dimensões psicológica, social e afetiva (ROUSSEU, 1995).

O conceito de infância no presente estudo é entendido como o período etário compreendido entre o nascimento e a puberdade, onde Ariès (1978), em suas abordagens, destaca um estudo cronológico deste período da vida, partindo do período da Idade Média, onde conceito de infância se deu nas construções sociais em determinados períodos históricos.

Segundo aquele autor, na Antiguidade, a criança era considerada um adulto em miniatura por não haver distinção entre o mundo adulto e o mundo infantil, ou seja, a criança “ingressava na sociedade dos adultos”. Nos primeiros anos da infância, os meninos eram entregues aos homens para serem educados, tendo em suas atividades cotidianas: aprender a montar cavalos, caçar, montar táticas de guerra, entre outras. E a instrução das meninas ficava a cargo das mães. Como resultado desta forma de educação, não houve instituições responsáveis exclusivamente pela criança ou uma consideração diferenciada de suas

necessidades. Como eram vistas como miniaturas de um adulto, as crianças realizavam as mesmas atividades das pessoas mais velhas, e uma vez consideradas capazes de sobreviver sem o suporte da mãe, já ingressavam na vida adulta e passavam a conviver com os adultos em todos os contextos. A infância era tida apenas como uma fase de transição para a vida adulta.

Foi na Idade Média que as idades da vida começaram a ter importância. Durante esta época, existiam seis etapas de vida. As três primeiras, que correspondem à 1ª idade – compreendendo do nascimento aos sete anos, à 2ª idade – tendo início aos sete anos até os quatorze anos, e a 3ª idade – entre os quatorze e os vinte e um anos, eram etapas não valorizadas pela sociedade, uma vez que somente a partir da 4ª idade – dos vinte e um anos até os quarenta e cinco anos, a juventude, os indivíduos começavam a ser reconhecidos socialmente. Ainda existiam a 5ª a idade – a senectude, considerando a pessoa que não era velha, mas que já tinha passado da juventude, e a 6ª. idade – a velhice, a partir dos sessenta anos até o fim da vida. Tais etapas alimentavam, desde aquela época, a ideia de uma vida dividida em fases (ARIÉS, 1978). Na sociedade medieval antes da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. A vida era relativamente igual para todas as idades, não havia uma ideia de estágios da vida. Por exemplo, as crianças tinham muito menos influência do que atualmente têm, em relação aos adultos. Provavelmente ficavam mais expostas às violências dos mais velhos (ARIÉS, 1978).

No século XIII, conforme evidencia Ariés (1978), ocorreu uma mudança na perspectiva do conceito “criança” – a sociedade passava a prezar pela inocência da mesma, tendo como a primeira referência sobre a criança a representação em forma de anjinhos, através de esculturas e pinturas de cenas do gênero infantil que, muitas vezes, não se consagrava à descrição exclusiva da infância, mas tinham nas crianças seus personagens principais, que sugerem duas abordagens da infância, a saber: a vida cotidiana crianças e adultos se misturavam em reuniões de trabalhos, passeios, e as crianças participavam dos mesmos jogos e brincadeiras dos adultos; e, retratava-se a criança pela sua graça e beleza – a crença na pureza infantil.

Neste período, as crianças, desde cedo, aprendiam as profissões com suas famílias ou em casas de aprendizes, e trabalhavam em oficinas. Não se tinha bem a noção de família, de organização social e familiar. Estas foram constituídas gradativamente através de regras estabelecidas até chegar à organização monogâmica.

A família nuclear aparece com a ascensão da burguesia. Para educar os filhos ali gerados, em muitas ocasiões, estes eram separados da vida dos adultos e enclausurados em instituições escolares sob a vigilância dos preceptores.

Já a partir século XVII, a infância era vista como uma fase sem importância; os adultos não se apegavam às crianças por considerá-las uma perda eventual, pois elas morriam com muita facilidade devido à situação de descuido em que viviam.

A descoberta da infância ocorreu no século seguinte, e tal evolução pode ser acompanhada por meio de pesquisas, pinturas, esculturas, objetos e brinquedos da época. A infância, que antes não passava de uma grande roleta de apostas entre a vida e a morte, graças aos avanços das ciências e das mudanças econômicas, vivenciou a redução em seus índices de mortalidade. O infante passa a ser amparado no seio familiar, devendo ser educado e protegido desde o seu nascimento. Em relação à consolidação do conceito de infância, Ariès (1978) destaca que, a criança começa a ocupar o lugar central da família devido à ligação da mesma com a figura dos anjos – tidos como seres puros e divinos.

O ideal suscitado pela imagem da criança associada ao Menino Jesus, a “criança anjo”, (OLIVEIRA, 1999), aos poucos, foi modificado, assim como as relações familiares. A mudança cultural, influenciada pelas mais variadas transformações sociais, políticas e econômicas que a sociedade vem sofrendo no decorrer dos séculos, apontam para modificações no seio familiar e nas relações estabelecidas entre pais e filhos. Tais mudanças ocasionaram em diversas medidas para proteger as crianças: as condições de higiene foram melhoradas e a preocupação com a saúde das crianças fez com que os pais não aceitassem perdê-las com naturalidade.

Neste momento, a criança tem sua educação devolvida à família, que passa a ser a responsável pela instrução da mesma, despertando-se, então, um novo sentimento em relação ao infante. Ariès (1978) caracteriza tal momento como o surgimento do sentimento de infância.

Estudos sociológicos sobre a infância mudaram a forma de se olhar e se relacionar com a criança, onde a adolescência se confundia com a infância e estava ligada à ideia de dependência. O sujeito só alcança total independência ao sair da tutela dos pais. Meninos e meninas usavam os mesmos trajes. Tal hábito permaneceu até final do século XVIII nos países da Europa, e no Brasil, prevaleceu até os anos 1930.

A infância tomou seu lugar na história alcançado pelo avanço dos conhecimentos, na valorização de seus direitos na vida familiar e social e nas instituições de modo geral.

O sentimento de infância nasce no Brasil no século XIX, com a necessidade da instrução e da ampliação das escolas para atender o avanço social da época. No início, o atendimento à infância foi marcado pelo assistencialismo e amparo às crianças necessitadas, com o objetivo de diminuir a mortalidade infantil. Também surgiram estabelecimentos de atendimento à infância a cargo de particulares, mas não atendiam crianças da camada popular, mas apenas da elite. A partir da década de 1970, criou-se um modelo voltado para a educação da camada menos favorecida. Onde a educação infantil passou a fazer parte da educação básica nacional, sendo motivo de preocupação dos órgãos que legislam sobre educação, que, por sua vez, determinaram ser dever do Estado disponibilizar a educação ao infante, e a garantia de atendimento em creches e pré-escolas para crianças de zero a seis anos, sendo este o grande marco na história da educação brasileira.

O conceito de infância, a partir do século XIX, gerou um novo tipo de pensamento, a partir da observação dos movimentos de dependência das crianças muito pequenas. O adulto passou, então, pouco a pouco a preocupar-se com a criança, enquanto ser dependente e fraco. Fato este, que ligou a etapa de vida correspondente ao infante à ideia de proteção (LEVIN, 1997). Só ultrapassava esta fase da vida quem saísse da dependência, e a palavra infância passou a designar, então, a primeira idade de vida, ou seja, a idade da necessidade de proteção.

Apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado. As crianças, atualmente escolarizadas bem cedo, conforme aponta Dolto (1993), desde os primeiros meses, passam todo o dia em creches ou em instituições assemelhadas. Na sociedade contemporânea, as gerações vivem segmentadas em espaços exclusivos, onde facilmente constatam-se a separação das faixas de idade. Crianças, adolescentes, adultos jovens e adultos velhos ocupam áreas reservadas, como creches, escolas, oficinas, escritórios, asilos, locais de lazer, entre outros. A exceção se dá no contexto familiar, onde ocorrem mais frequentemente os encontros entre as gerações, ao menos por proximidade física.

No presente estudo, entende-se a infância como a categoria da história humana que abrange a primeira idade dos zero aos sete anos.

1.2 A educação infantil

As experiências vivenciadas de zero a seis anos de idade são fundamentais na formação do ser humano. O que se aprende na referida fase pode deixar marcas para o resto da vida. A educação infantil é o momento de interação da criança com o mundo, com todos os que a cercam e consigo mesma. Os estudos de Sousa (1998) configuram a educação infantil como importante fase no desenvolvimento da criança, porque, segundo aquela autora, é durante esta fase que as bases do ser humano começam a ser estruturadas, visto que são estimulados e iniciados os processos de formação e integração das várias áreas do desenvolvimento na fase da educação infantil.

O direito social das crianças à educação encontra-se assegurado na Constituição Federal (CF) da República Federativa do Brasil de 1988, conforme o art. 208, § 4º, reescrito e editado pela Emenda Constitucional (EC) nº. 53, de 19 de dezembro de 2006, que reconhece a educação infantil como dever do Estado, sendo reafirmado por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990, e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

A LDB de 1996 inseriu a educação infantil na educação básica como sua primeira etapa de formação – uma forma de reconhecer que a educação tem início nos primeiros anos de vida e é essencial para o cumprimento de sua finalidade, conforme o art. 22 do referido ditame, *in verbis*:

Art. 22 – A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar – lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer – lhes meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores.

Na atual LDB, o destaque dado à educação infantil era inexistente nas legislações anteriores. Aqui, a temática é tratada na seção II, do capítulo II, nos seguintes termos:

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 A educação infantil será oferecida em:

I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II – pré – escolas para crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31 Na educação infantil a avaliação far – se – á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

Segundo Paniagua e Palácios (2007), a qualidade das escolas, em especial, as de educação infantil – ainda chamada de “creches” – é muito desigual, oscilando entre estabelecimentos de rica tradição pedagógica e recursos físicos e humanos, e aqueles que deveriam manter na porta a placa com a palavra “creche” como advertência. Atualmente, a educação infantil é dividida por duas faixas etárias (0 a 3 anos e 3 a 6 anos de idade) que, em geral, são atendidas por serviços educativos diferentes (PANIAGUA; PALÁCIOS, 2007).

Paniagua e Palácios (2007) apresentam em seus estudos o fato e que quando o indivíduo nasce seu cérebro, apresenta 25% do peso de um cérebro adulto. Na faixa dos três e quatro anos de idade, o cérebro da criança já alcançou 80% do tamanho do cérebro do adulto, e aos seis anos de idade, já tem 90% do peso de um cérebro adulto.

Aqueles autores ainda complementam informando que, dentro do cérebro, o córtex cerebral é a parte mais importante dos seres humanos, pois representa 85% do peso total do cérebro adulto. O córtex cerebral corresponde à camada mais externa do cérebro do adulto e é responsável por processos psicológicos superiores, como, por exemplo, a percepção, a linguagem, a representação, a tomada de decisões, o planejamento e a execução de ações. Tal fato evidencia que o grande crescimento cerebral, que ocorre até os seis anos de idade, consiste na parte mais evoluída do encéfalo, onde se dão os processos mais finos e elaborados.

Na medida em que recebem estímulos externos do mundo, a criança pode transformar tais estímulos e produzir novos significados aos objetos e ao mundo que a cerca, atribuindo-lhe um novo conceito que expressa seu caráter no curso de seu próprio desenvolvimento pessoal e social.

Além disso, a maior parte de seu desenvolvimento se produz sobre influência de processos educativos, o que implica na importância da ação do meio e na configuração de um órgão tão importante como o cérebro (PANIAGUA; PALÁCIOS, 2007).

Não somente na educação infantil, mas, principalmente, após tal fase, é importante que a criança tenha uma educação de forma integral que a considere de forma incondicional. É preciso proporcionar o desenvolvimento do educando, considerando-o em aspectos sociais, emocionais, cognitivos e comunicativos. Entretanto, Paniagua e Palácios (2007) afirmam que nem sempre os referidos aspectos significam que os mesmos são trabalhados de maneira igualitária. Em geral, algumas áreas tendem a ser mais valorizadas e priorizadas do que outras.

A falta de equilíbrio entre as áreas a serem trabalhadas, acarreta o privilégio de um aspecto do desenvolvimento infantil em detrimento de outros. No entanto, a criança necessita de todos os seus diversos aspectos do desenvolvimento presentes no trabalho escolar da educação infantil. Neste sentido, as instituições escolares, tanto em seus projetos pedagógicos como na ação pedagógica em sala de aula, estão sempre em busca do equilíbrio.

Paniagua e Palácios (2007) ainda destacam que as crianças na fase da educação infantil, ao contrário do que se expunha antigamente, não são simples receptoras apáticas do conhecimento, mas sim, formadoras e transformadoras de conhecimento.

1.3 As implicações do ato de brincar no desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos

Brincar é uma experiência que possibilita a criança demonstrar sua personalidade, e conhecer melhor a si mesma e nas relações com os outros durante as brincadeiras a criança se socializa e aprende a conviver com as pessoas.

Bruna Alessandra S. Lima (2013)

O significado de brincar é muito mais complexo do que as definições encontradas nos diversos dicionários existentes. Aurélio (2003, p. 12) define o brincar como “divertir-se, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar”. Tal gesto também pode ser, segundo o dicionário Michaelis (2012, p. 17), “entreter-se com jogos infantis e divertir-se fingindo exercer atividades cotidianas do dia a dia adulto”. Ou seja, brincar é algo muito presente na vida do ser humano, ou pelo menos deveria ser.

Segundo Oliveira (2000), o brincar não significa apenas divertir-se sem fundamento e razão, caracterizando-se como uma das formas mais complexas da criança em comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento dá-se por meio de trocas experimentais mútuas estabelecidas durante toda sua vida. Assim, através do brincar, a criança pode desenvolver capacidades importantes, como, por exemplo, a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, entre outros, que propiciam à criança o desenvolvimento de determinadas áreas da personalidade, a saber: afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade.

Em sua teoria, Vygotsky (1998) partiu do princípio que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas, mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Nesta perspectiva, a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito, rompendo com a visão tradicional de que esta é uma atividade natural de satisfação de instintos infantis. Aquele autor ainda se refere à brincadeira como uma maneira de expressão e apropriação do mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. A capacidade para imaginar, fazer planos, apropriar-se de novos conhecimentos, surge, nas crianças, através do brincar. A criança, por intermédio da brincadeira, das atividades lúdicas, atua, mesmo que simbolicamente, nas diferentes situações vividas pelo ser humano, reelaborando sentimentos, conhecimentos, significados e atitudes, podendo, assim, preparar-se para a vida e seus diversos desafios, sem ter diretamente vivenciado as situações em si.

Diante das referidas situações, Kishimoto (1998) afirma que ao brincar, a criança não está preocupada com os resultados da brincadeira – fato possível de ser observado durante e depois da brincadeira. O que a impulsiona a explorar e descobrir o mundo é o prazer e a motivação que surgem da necessidade de aprender através dos exemplos dos pais, amigos ou pessoas próximas, desde que seja esta uma de seus atuais referenciais de comportamento de mundo. Segundo o Referencial Curricular Nacional (RCN) da Educação Infantil:

Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos (BRASIL, 1998, p. 27).

Vygotsky (1995) ainda aborda que o desenvolvimento não se constitui em um processo puramente evolutivo, que age por meio de mudanças lentas e graduais, mas caracteriza-se por rupturas e saltos qualitativos e mudanças essenciais nas próprias forças motoras do processo.

Aquele autor também destaca que o desenvolvimento caracteriza-se pela alternância de períodos estáveis e críticos. Nos períodos estáveis, o desenvolvimento se deve principalmente às mudanças de personalidade da criança, que vão se acumulando e se manifestam posteriormente como uma formação qualitativamente nova em uma determinada idade. Assim, nos períodos críticos, produzem-se alterações bruscas e fundamentais na transformação da personalidade da criança em um tempo relativamente curto; tem-se uma nova visão e uma melhor relação da criança com o meio em que se encontra e as pessoas ao seu redor.

O desenvolvimento da criança é visto como um processo pelo qual o indivíduo adquire informações habilidades, atitudes, valores, etc., a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (OLIVEIRA, 1995).

Zanluchi (2005, p. 89) reafirma que “quando brinca, a criança prepara-se para a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcionam as coisas”. Assim, destaca-se que quando a criança brinca, parece mais madura, pois entra, mesmo que de forma simbólica, no mundo adulto que se abre para que esta saiba lidar com as mais diversas situações do cotidiano que virá posteriormente.

Nota-se, portanto, a importância do brincar no desenvolvimento da criança de zero a seis anos de idade, uma vez que, além do surgimento da identidade, autoestima, auto conceito e das aprendizagens relativas as interações com o meio, é também durante este período que se dá um maior desenvolvimento cognitivo da criança, resultando em um maior crescimento e desenvolvimento do cérebro humano.

1.4 O lúdico no contexto educacional

Na verdade, a atividade lúdica é uma forma de o indivíduo relacionar-se com a coletividade e consigo mesmo.

Amarilha (1997)

O lúdico tem sua origem na palavra latina “*ludus*”, que quer dizer “jogo”. Se o significado do lúdico estivesse preso à sua origem, o termo “lúdico” estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo, o que o torna mais complexo que somente o jogo em si.

O lúdico faz parte da personalidade humana e, segundo Amarilha (1997), é uma forma de o indivíduo relacionar-se com a coletividade e consigo mesmo.

O Lúdico é eminentemente educativo no sentido em que constitui a força impulsora de nossa curiosidade a respeito do mundo e da vida, o princípio de toda descoberta e toda criação (SANTO AGOSTINHO *apud* SOUSA, 1996, p. 45).

A brincadeira, na perspectiva sócio-histórica e cultural, é um tipo de atividade cuja base genética é comum àquela da arte, ou seja, trata-se de uma atividade social, humana, que supõe contextos sociais e culturais a partir dos quais a criança recria a realidade através da utilização de sistemas simbólicos próprios. Ao mesmo tempo, é uma atividade específica da infância, considerando que, historicamente, esta foi ocupando um lugar diferenciado na sociedade. Porém, alguns teóricos relacionam o lúdico ao jogo e estudam profundamente sua importância na educação.

Huizinga (1990) foi um dos teóricos que mais se aprofundou estudando o jogo em diferentes culturas e línguas (grego, mandarim, japonês, hebraico, latim, inglês, alemão, holandês, entre outras). Aquele teórico verificou a origem da palavra – em português, “jogo”; em francês, “*jeu*”; em italiano, “*gioco*”; e, em espanhol “*juico*”. Jogo advém de “*jocus*” (latim), cujo sentido abrangia apenas gracejar ou traçar.

Por possuir uma definição diretamente relacionada ao brincar, ao divertimento e ao encanto, terminando por transformar o ambiente em que se encontram, as atividades lúdicas podem ser interpretadas como qualquer ação ou atividade que tenham como objetivo produzir prazer e divertimento ao praticante no momento de sua execução.

Do ponto de vista histórico, a análise do jogo é feita a partir da imagem da criança presente no cotidiano de uma determinada época. O lugar que a criança ocupa num contexto social e específico, a educação a que está submetida e o conjunto de relações sociais que mantém com personagens do seu mundo – tais aspectos permitem compreender melhor o cotidiano infantil e, em tal cotidiano é que se tem a formação de sua autoimagem e a imagem do seu brincar.

[...] a compreensão dos jogos dos tempos passados, exige muitas vezes, o auxílio da visão antropológica, ela é imprescindível especialmente quando se deseja discriminar o jogo em diferentes culturas. Comportamentos considerados como lúdicos apareçam significados distintos em cada cultura. Se para as crianças europeias a boneca significa um brinquedo, um objeto, suporte de brincadeira, para certas populações indígenas tem sentido de símbolo religioso [...] (KISHIMOTO 1993, p. 8).

As atividades consideradas lúdicas, representadas pelos jogos, brinquedos e dinâmicas diversas, são manifestações presentes no cotidiano das pessoas e, portanto, na sociedade desde o início da humanidade. Todo ser humano “sabe o que é brincar, como se brinca e por que se brinca” (SANTOS, 2010, p. 11), porém, muitas vezes, o lúdico e as atividades lúdicas são resumidos somente ao ato de brincar infantil, e associados diretamente às crianças – resultado, talvez, de um “preconceito” culturalmente estabelecido ao brincar.

Contudo, o lúdico pode ser encontrado no dia a dia das pessoas, nas mais diferentes idades e situações, podendo contribuir para o desenvolvimento e o aprendizado do sujeito.

Diante do exposto, no presente estudo aborda-se a educação em sala de aula com a metodologia lúdica, conhecida como ludoeducação – uma tendência que busca nas atividades lúdicas uma forma de planejar atividades escolares que motivem os alunos para a construção do conhecimento, ou seja, a utilização do lúdico no ambiente escolar (SANTOS, 2010).

Celestin Freinet (1896-1966) foi um dos educadores que renovaram as práticas pedagógicas de seu tempo. Para aquele educador, a educação deveria extrapolar a sala de aula, e a integração da criança a vida social deveria ser valorizada. Atitudes manuais, jogos, desenho livre, a relação atividade-prazer é o eixo central da educação popular.

O educador alemão Froebel (1782-1852), que considerava as brincadeiras como o primeiro recurso para aprendizagem, foi pioneiro na introdução à brincadeira no cotidiano escolar infantil. Aquele educador elaborou canções e jogos para educar, fazendo uso de sensações, emoções e brinquedo pedagógicos, enfatizando o valor da atividade manual, e defendendo uma proposta educacional que incluía atividades de cooperação e o jogo. Froebel, seguindo suas convicções, fundou a escola infantil destinada aos menores de oito anos e, posicionando uma proposta educacional que dava ênfase à liberdade da criança. Por este motivo, passou a ser visto como uma ameaça ao poder político alemão, levando o autoritarismo governamental da época a fechar os “jardins-de-infância” daquele país, por volta de 1851. Na mesma época, influenciada por Froebel, algumas experiências educacionais para as crianças pequenas foram realizadas no Brasil.

A escola vem se modificando, encontrando-se, atualmente, em um cenário de modernidade; vem lutando para vencer todos os novos desafios que surgem a cada geração. Atualmente, constata-se que a instituição escolar não vem conseguindo garantir a apropriação de conteúdos, não preparando o indivíduo nem para o mercado de trabalho e nem para a vida.

O grande desafio da escola está em garantir um padrão de qualidade para todos e, ao mesmo tempo, respeitar a diversidade local, étnica, social, cultural e biológica de cada indivíduo. Neste sentido, Gadotti (1992, p. 82) enfatiza que:

A escola não deve apenas transmitir conhecimentos, mas também se preocupar com a formação global dos alunos, numa visão em que o conhecer e o intervir no real se encontrem. Mas, para isso, é preciso saber trabalhar com as diferenças: é preciso reconhecê-las, não camuflá-las, aceitando que, para conhecer a mim mesmo, preciso conhecer o outro.

Conforme o exposto, é preciso destacar que, atualmente, a escola tem por algumas de suas ocupações, construir competências, buscar novos conhecimentos e novas tecnologias, procurar métodos mais dinâmicos, tornando as disciplinas menos rígidas e mecânicas, e as didáticas mais flexíveis, buscando, assim, a geração de sujeitos mais críticos, respeitados e reflexivos.

As mudanças que estão ocorrendo na escola tendem, no futuro, a mudar a educação por completo, e um dos caminhos viáveis pode ser a utilização das atividades lúdicas, uma vez que estas têm possibilidade de ajudar na busca de mudanças – tendem a ser mais abertas, criativas e dinâmicas (SANTOS, 2010).

Se para a criança, em alguns casos, o recreio é o momento mais esperado, devido ao divertimento com seus amigos e ao ambiente mais leve, por que a escola tem que recusar a presença do brincar e do lúdico em muitos momentos? O ambiente escolar tem que ser obrigatoriamente maçante? (SANTOS, 2010).

Por muito tempo, a escola foi vista pelos alunos como algo enfadonho, obrigatório, sem sentido e entediante, e quando os educadores ofereciam brinquedos, eram criticados pelos pais e mesmo por colegas de profissão de estarem perdendo tempo. Contudo, com a revelação de que o brincar pode possuir intencionalidade educativa, descobriu-se um processo que tornou a aprendizagem algo que os alunos se sentem atraídos e que desejam. Tal ação auxilia a escola a cumprir não somente sua função de ensinar, mas também a sua função de educar. O trabalho lúdico deve deixar claro a que veio e que não se resume a somente ensinar os conteúdos conceituais, mas também educar a partir do desenvolvimento físico, cognitivo, social e moral.

Uma vez que o brincar é uma atividade fundamental para crianças pequenas e, segundo Piaget (1967, p. 49), “brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades”, é brincando que os infantes desvendam o mundo, se comunicam e se inserem em um contexto social. Brincar é um direito da criança, além de ser de suma importância para seu desenvolvimento, e, por isso, as escolas de Ensino Infantil devem dar a devida atenção a tal atividade, não restringindo o brincar na escola a apenas o momento do intervalo. Assim, de acordo com Piaget (1967, p. 22), “o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral”.

É importante frisar que uma escola com inspirações lúdicas não é aquela em que se realizam todas as atividades com jogos, mas aquela que as características lúdicas estejam presentes no modo de ser do educador, na organização do ambiente e na visão que se tem do sujeito (SANTOS, 2010).

Aliadas ao pensamento de alguns teóricos, como, por exemplo, Marcellino (1990), Sneyders (1996), Piaget (1975) e Vygotsky (1984), é por intermédio da atividade lúdica que a criança se prepara para a vida, assimilando a cultura do meio em que vive, a ela se integrando, adaptando-se às condições que o mundo lhe oferece e aprendendo a competir, cooperar com seus semelhantes e conviver como um ser social. Além de proporcionar prazer e diversão, o jogo, o brinquedo e a brincadeira podem representar um desafio e provocar o pensamento reflexivo da criança.

1.5 O lúdico na formação de professores

A esperança de uma criança, ao caminhar para a escola é encontrar um amigo, um guia, um animador, um líder - alguém muito consciente e que se preocupe com ela e que a faça pensar, tomar consciência de si de do mundo e que seja capaz de dar-lhe as mãos para construir com ela uma nova história e uma sociedade melhor (ALMEIDA, 1987, p. 195).

A formação do educador depende da concepção que cada profissional possui sobre a criança, o adulto, a sociedade, a educação, a escola, o conteúdo e o currículo. E a prática de uma educação permanente e continuada é peça fundamental de qualquer sistema educativo. Se desejarmos formar seres criativos, críticos e aptos para tomar decisões, um dos requisitos é o enriquecimento do cotidiano infantil com a inserção de contos, lendas, brinquedos e brincadeiras (KISHIMOTO, 2003).

Miacaret (1991, p. 12), aponta para a ligação existente entre o ensino, a formação acadêmica e a formação pedagógica do educador:

A prática na aula deve ser esclarecida pelos princípios teóricos e melhorada pelos resultados da investigação. A teoria pedagógica só pode erguer-se a partir de uma prática conhecida e refletida.

A formação dos educadores pode propiciar a prática de diferentes métodos pedagógicos que permitam estabelecer a comunicação educativa, aperfeiçoando tal comunicação. A referida questão direciona-se à problemática da formação do educador e resulta em dificuldades no campo da prática pedagógica. Tem-se, assim, “a necessidade de

currículos consistentes e em permanente ampliação, aperfeiçoamento nos modelos de desenvolvimento profissional e pessoal evolutivo e continuado, indagação reflexiva da conduta docente, interagindo com os limites didáticos” (MIACARET, 1991, p. 13).

Segundo Schulman (1986 *apud* TARDIF, 1990), o conhecimento do conteúdo pedagógico compreende as formas mais úteis de representação das ideias, as analogias mais importantes, as ilustrações, exemplos, explicações, a forma de representar a matéria para torná-la compreensível. Em tal contexto, tem-se na reflexão um objetivo para a formação de professores.

A formação profissional necessita de harmonia entre os conhecimentos pedagógicos e os conteúdos que levem à apreensão dos conhecimentos do mundo. Porém, o que se percebe é a existência de cursos de formação teóricos com ausência da prática reflexiva e de um perfil profissional que não considera como pesquisador da prática pedagógica.

Os Referenciais Curriculares Nacionais (RCNs) para a Educação Infantil e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são documentos que tem como objetivo subsidiar os docentes no desenvolvimento de seu trabalho.

De acordo com o RCN, volume 3 (1998), é muito importante a percepção do educador no desenvolvimento das atividades, cabendo a este possibilitar a ludicidade para as crianças. O brincar está relacionado com a cultura e com a vivência social de cada criança em seu cotidiano; os jogos, as danças, as brincadeiras, desenvolvem a capacidade motora da criança em um todo.

Os PCNs (1997) afirmam que o docente deve trabalhar de forma que as crianças dominem os conhecimentos, que os façam se reconhecer como sujeitos sociais, sendo participativos, reflexivos, autônomos e conhecedores de seus direitos e deveres. O professor deve garantir condições de aprendizagem a todos seus alunos, utilizando meios e medidas extras que atendam as necessidades individuais.

Segundo Cerisara (2002), o lúdico produz flexibilidade, formando conceitos intuitivos e ajudando na transformação e na formação de ideias. Neste sentido, as atividades lúdicas propõem às crianças a aquisição de valores para a compreensão de conceitos, ajudando-os a se descobrirem, relacionarem-se, possibilitando a facilidade ou agilidade na solução de problemas, contribuindo para o entendimento da linguagem.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1 Método

Conforme Gil (2008, p. 26), o método pode ser entendido como o curso percorrido para se chegar a um fim, sendo o método científico entendido como “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

Neste sentido, o presente capítulo descreve o caminho cursado pela pesquisadora para o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada.

Para o desenvolvimento do trabalho monográfico, utilizaram-se estratégias que possibilitam a realização da pesquisa caracterizada como exploratória, que visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Esta envolve ainda entrevistas com os alunos da Universidade de Brasília (UnB) do curso de Pedagogia, que tiveram experiências práticas ou não com o problema pesquisado, além da apresentação da análise dos dados recolhidos, buscando-se compreender e elucidar o entendimento do assunto abordado.

O procedimento de coleta dos dados recolhidos foi a pesquisa de campo, com aplicação de questionários para os alunos. Para a pesquisa de campo, foram coletadas informações com os alunos do curso de Pedagogia da UnB.

2.2 Participantes

Para a realização da pesquisa, foram consultados onze (onze) estudantes do curso de Pedagogia, sendo dois participantes do gênero masculino e nove participantes do gênero feminino que estudam na Faculdade de Educação (FE) da UnB, e estão cursando entre o 3º e o 9º semestre do curso de Pedagogia. Identificou-se que oito participantes não trabalham na área educacional e não tiveram ainda nenhuma experiência prática pedagógica; três participantes confirmaram experiências práticas na sala de aula.

Em relação à idade dos participantes, houve uma variação na faixa etária identificada – todos tinham entre 18 e 25 anos.

2.3 Instrumentos de pesquisa

Para a realização da pesquisa, utilizou-se para a coleta de informações um questionário que, segundo Gil (2008, p. 121),

É uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado.

Por ter como finalidade conhecer a opinião de um grupo de alunos a respeito do lúdico na educação infantil, faz-se necessária a utilização desta técnica na presente pesquisa.

Neste sentido, os questionários, conforme Mucchielli (1979), podem ser de dois tipos, a saber: questionário de auto aplicação, onde o sujeito fica só diante do questionário para respondê-lo; e, questionário por pesquisadores, onde o pesquisador faz perguntas e anota as respostas adquiridas.

No caso da presente pesquisa, aplicou-se um questionário de autoaplicação, em que a pesquisadora entregou os questionários e, após um período determinado (dois dias), os recolheu. O mesmo disponibilizou questões sobre o perfil dos entrevistados, tais como: sexo, idade e o período em curso na Graduação em Pedagogia, além de questões abertas, direcionadas para identificar qual a percepção que os participantes tinham sobre como a utilização da metodologia lúdica influencia na relação que o professor estabelece com seus alunos e no processo de ensino aprendizagem dos alunos de educação infantil. Outra questão abordada dizia respeito à participação do lúdico na formação acadêmica dos entrevistados e como foram suas experiências neste tipo de atividade.

Após a coleta dos dados, estes foram tabulados e apresentados em forma de tabelas e figuras e, em seguida, analisados.

2.4 Procedimentos

Os questionários foram entregues pela pesquisadora no mês de fevereiro de 2013, diretamente para os alunos, estipulando-se o prazo de dois dias para que pudessem responder e devolver os mesmos. Em nenhum momento, o pesquisador participou do preenchimento de algum questionário e não houve, por parte dos participantes, dúvidas em relação às perguntas e ao preenchimento destes.

2.5 Escolha da análise de resultados

Para a análise dos resultados, utilizou-se a adaptação da técnica de análise do conteúdo. Esta, segundo Bardin (1979, p. 31) pode ser considerada como:

Um conjunto de técnicas de análises de comunicações, visando obter através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens.

O número de ocorrências corresponde ao número de respostas apresentadas pelos participantes. Cada participante podia apresentar mais de uma resposta para cada classe. Assim, o número de ocorrências, por vezes, não corresponde ao número de participantes.

De acordo com os procedimentos da análise, os resultados apontados pelas entrevistas foram dispostos em quatro categorias. Cada categoria envolveu diversos termos, que foram agrupados em classes, de acordo com a relação semântica entre as respostas

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DE DADOS

3.1 Análise

Para início da presente análise, faz-se necessário esclarecer o porquê da utilização do termo “lúdico” no questionário. A utilização deste se deu tendo em vista sua maior difusão no meio educacional – o diálogo sobre o ensinar através da metodologia lúdica. Contudo, tal metodologia vem sendo abordada de diversas maneiras devido à amplitude e emotividade do conceito “lúdico”.

Neste sentido, a análise dos dados coletados aqui empreendida tem por objetivo identificar como a utilização da metodologia lúdica influencia na relação que o professor estabelece com seus alunos, no processo de ensino aprendizagem dos alunos de educação infantil, além de tratar da abordagem do lúdico na formação acadêmica e de como foram suas experiências com a abordagem de ensino lúdico.

A tabela a seguir (Tabela 1) foi elaborada a partir das duas primeiras questões do questionário: “O que é o lúdico para você? E na escola (educação infantil) em que você estudou, como eram desenvolvidas essas atividades lúdicas pela sua professora?” Os participantes responderam livremente sobre o lúdico e quais as atividades que consideravam lúdicas que foram realizadas por suas professoras de educação infantil e, a partir daí, foram elaboradas três classes que abrangessem tudo aquilo que foi expresso pelos mesmos, a saber: atividades prazerosas, atividade do imaginativo e brincadeiras e jogos no processo de aprendizagem.

Tabela 1 – Categoria 1 – Compreensão do lúdico pelos participantes (continua).

CLASSES	RESPOSTAS	OCORRÊNCIAS
Atividades prazerosas	Brincar por Brincar	4
	Parquinho	
	Cantigas de roda	
	Contaçon de Histórias.	
Atividade do imaginário	Atividades com tinta, areia e argila	3
	Brincar de casinha	
	Fazer comidinha	
Brincadeiras e jogos no processo de aprendizagem	Contaçon de Histórias.	7
	Cantigas de roda	
	Jogos de tabuleiro	
	Jogos matemáticos e educativos	
	Brincadeiras com intencionalidade educativa.	
	Pinturas, canções, as brincadeiras e as massas de modelar.	

Fonte: Da autora.

A classe que mais se destaca nesta categoria é relacionada a brincadeiras e jogos no processo de aprendizagem, ou seja, o lúdico como um método de ensino e aprendizagem com brincadeiras e jogos. Os participantes, em sua maioria, identificam o lúdico principalmente como algo que traz a brincadeira para o processo de aprendizagem do aluno em muitos momentos, esquecendo-se da real função do lúdico e de que o lúdico está presente em outros locais além do ambiente escolar.

Tais características podem ser representadas no gráfico a seguir (Gráfico 1) e pelas seguintes respostas:



Gráfico 1 – O lúdico é...

Fonte: Da autora.

S1 – Uma brincadeira ou jogo com intenções educativas.

S2 – É uma forma de ensinar usando brincadeiras e jogos.

S3 – O lúdico pode ser definido como o “brincar orientado”, ou seja, o brincar com uma proposta pedagógica.

As respostas apresentadas anteriormente caracterizam como os alunos entrevistados tem a percepção do que é o lúdico. Apesar de não ser a definição do lúdico, não é possível considerar tal pensamento como totalmente incorreto, uma vez sendo esta uma das aplicações do lúdico. A utilização do lúdico como ferramenta de ensino e aprendizagem no ambiente escolar atualmente já é uma tendência que, segundo Santos (2010), busca nas atividades lúdicas uma forma de planejar atividades escolares que motivem os alunos para a construção do conhecimento, conhecida como ludoeducação.

A predisposição à ludoeducação é fundamentada por diversos pensadores, como, por exemplo, Froebel e Kishimoto. De acordo com Zacharias (2007), Froebel

Foi o primeiro educador a enfatizar o brinquedo, a atividade lúdica, a apreender o significado da família nas relações humanas. Idealizou recursos sistematizados para as crianças se expressarem: blocos de construção que eram utilizados pelas crianças em suas atividades criadoras, papel, papelão, argila e serragem. O desenho e as atividades que envolvem o movimento e os ritmos eram muito importantes. Para a criança se conhecer, o primeiro passo seria chamar a atenção para os membros de seu próprio corpo, para depois chegar aos movimentos das partes do corpo. Valorizava também a utilização de histórias, mitos, lendas, contos de fadas e fábulas, assim como as excursões e o contato com a natureza.

Para Froebel “o jogo é o espelho da vida e o suporte da aprendizagem” (ZACHARIAS, 2007). Tal pensamento o incentivou a ser um dos primeiros educadores a utilizar o jogo na educação de crianças, além de criar materiais diversos, que atribuíram ao jogo uma dimensão educativa. Para aquele educador, é pelo meio do brinquedo que a criança adquire a primeira representação do mundo, sendo que a educação mais eficiente é aquela que proporciona atividades, autoexpressão e participação social às crianças. Froebel afirma ainda que a escola deve considerar a criança como atividade criadora, e despertar, mediante estímulos, as suas faculdades próprias para a criação produtiva; assim, o educador deve fazer do lúdico um instrumento para promover e facilitar a educação da criança. A melhor forma de conduzir a criança à atividade, à autoexpressão e à socialização seria através do método lúdico.

Ainda na perspectiva do brinquedo como suporte da aprendizagem, Kishimoto (2002, p. 146) relata:

Por ser uma ação iniciada e mantida pela criança, a brincadeira possibilita a busca de meios, pela exploração ainda que desordenada, e exerce papel fundamental na construção de saber fazer.

As brincadeiras são as formas mais originais que a criança tem de se relacionar e de se apropriar do mundo, porque é brincando que esta se relaciona com as pessoas e os objetos ao seu redor, e aprende o tempo todo com as experiências que pode ter – tornando tal ação um importante aliado da educação. Contudo, não se deve restringir o lúdico à apenas a criança e a aprendizagem escolar, porque todo ser humano, segundo Santos (2010, p. 11), “sabe o que é brincar como se brinca e por que se brinca”.

A segunda classe mais presente nos questionário traz como compreensão do tema, a definição do lúdico como atividades prazerosas, isto é, o lúdico visto como uma forma de proporcionar prazer, tendo ou não intencionalidade educativa. Tais particularidades podem ser representadas pelas seguintes respostas:

S1 – O lúdico são atividades desenvolvidas de forma intencional e elaboradas para despertar, além do ensino e da aprendizagem, o prazer, a criatividade e a interação entre as pessoas envolvidas.

S2 – O lúdico para mim está relacionado com algo que seja prazeroso, descontraído e divertido.

S3 – Acredito que lúdico tem como seu sinônimo a palavra prazeroso. Algo que ganha o adjetivo de lúdico precisa ser diferente, mas, sobretudo tem que instigar à pessoa ou a criança o prazer em fazer determinada atividade.

Nesta classe, é possível observar que os partícipes da pesquisa já apresentam uma definição mais próxima à definição de lúdico, até mesmo exata como no caso dos sujeitos “S2” e “S3”. Porém, ainda tem-se a presença de alguns casos em que a definição de lúdico volta a se confundir com o ludo educação. Neste sentido, é possível perceber que a ocorrência deste resultado se deve ao fato da pesquisa ter sido realizada apenas com alunos do curso de Pedagogia, que possuem contato com este método de forma direta ou indireta – o que pode ter induzido os entrevistados a associarem o lúdico ao contexto que se encontram estudando: o contexto educacional.

O lúdico, como atividade prazerosa, pode ser compreendido pela própria ação de troca de experiências conjuntas em busca de seu desenvolvimento e dos que estão ao seu redor.

As atividades lúdicas não se restringem ao jogo e à brincadeira, mas incluem atividades que possibilitam momentos de alegria, entrega e integração dos envolvidos. [...] Possibilita a quem as vivencia, momentos de encontro consigo e com o outro, momentos de fantasia e de realidade, de ressignificação e percepção, momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro, de cuidar de si e olhar para o outro, momentos de vida, de expressividade (PEREIRA, 2002, p. 90, 92).

Conseqüentemente, é preciso que seja reconhecido o fato da ludicidade unir prazer e necessidade – prazer, por ser uma atividade naturalmente infantil e criativa, e necessária, simplesmente porque através dos jogos e brincadeiras a criança reconhece seu “eu”, suas ansiedades, valores e preferências, como também proporciona aprendizagem e conhecimento.

A criança, para construir seus esquemas lógicos, deve passar de maneira lúdica e prazerosa por experiências em grupo, onde possa realizar uma troca de conhecimentos com o outro a partir de sua bagagem de vida.

Para Vygotsky (1998), é errôneo definir o brinquedo como uma atividade que dá prazer para a criança; assim, não somente existem atividades que mesmo não remetendo ao brinquedo proporcionam um imenso prazer ao infante, como também existem jogos que se tornam desagradáveis para a criança, caso esta não seja o vencedor, tornando-se, assim, uma fonte de desprazer.

Crianças de até aproximadamente dois anos de idade tendem a satisfazer os seus desejos de forma imediata. Já aquelas entre dois e seis anos de idade passam a ter desejos não realizáveis imediatamente, e é por meio da utilização do brincar que estas buscam realizar os seus desejos, num mundo ilusório e imaginário.

O lúdico, segundo Rubem Alves (1987, p. 21), “privilegia a criatividade e a imaginação, por sua própria ligação com os fundamentos do prazer. Não comporta regras pré-estabelecidas, nem velhos caminhos já trilhados, abre novos caminhos, vislumbrando outros possíveis”.

Neste sentido, tem-se, a seguir, a última classe desta categoria: “o lúdico como atividades do imaginário”, constatando-se que os entrevistados apresentaram sempre o imaginário acompanhado do prazer – algumas vezes como uma forma de se alcançar o prazer, de abrir portas e investigar o mundo.

A tabela a seguir (Tabela 2) tem origem a partir de duas perguntas do questionário: “O lúdico foi um tema abordado e desenvolvido em algum momento de sua formação? Se sim de que forma? e Em relação a sua formação acadêmica, como foi visto o lúdico?” Aqui os participantes da pesquisa responderam sobre a ocorrência de estudos sobre a abordagem lúdica em sua formação acadêmica, resultando na elaboração de duas classes, a saber: ‘não houve abordagem direta’ e ‘houve abordagem direta’.

Tabela 2 – Categoria 2 – Abordagem do lúdico em sua formação acadêmica.

CLASSES	RESPOSTAS	OCORRÊNCIAS
Houve abordagem direta	De forma abrangente em algumas disciplinas Projeto 3 “O encanto no aprender” Matéria “O lúdico no início do processo de escolarização” Na educação infantil com materiais inovadores No ensino médio através de gincanas e feiras escolares Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Estágios	-
Não houve abordagem direta	Somente na faculdade de forma indireta Na matéria oficina vivencial que o professor fazia algumas de suas aulas voltadas para o lúdico. Sempre como alternativa a interação, é priorizado o tradicional. O lúdico em si não foi um tema abordado não, mas tive algum contato na disciplina de Educação matemática.	5

Fonte: Da autora.

A abordagem lúdica foi determinada por seis dos onze participantes, como presente em sua formação de forma direta. Entretanto, foi possível observar nas respostas da pesquisa que tal abordagem se deu, em alguns casos, de forma abrangente e, em outros casos, de forma específica. O gráfico a seguir (Gráfico 2) e as respostas apresentadas posteriormente exemplificam tal observação:

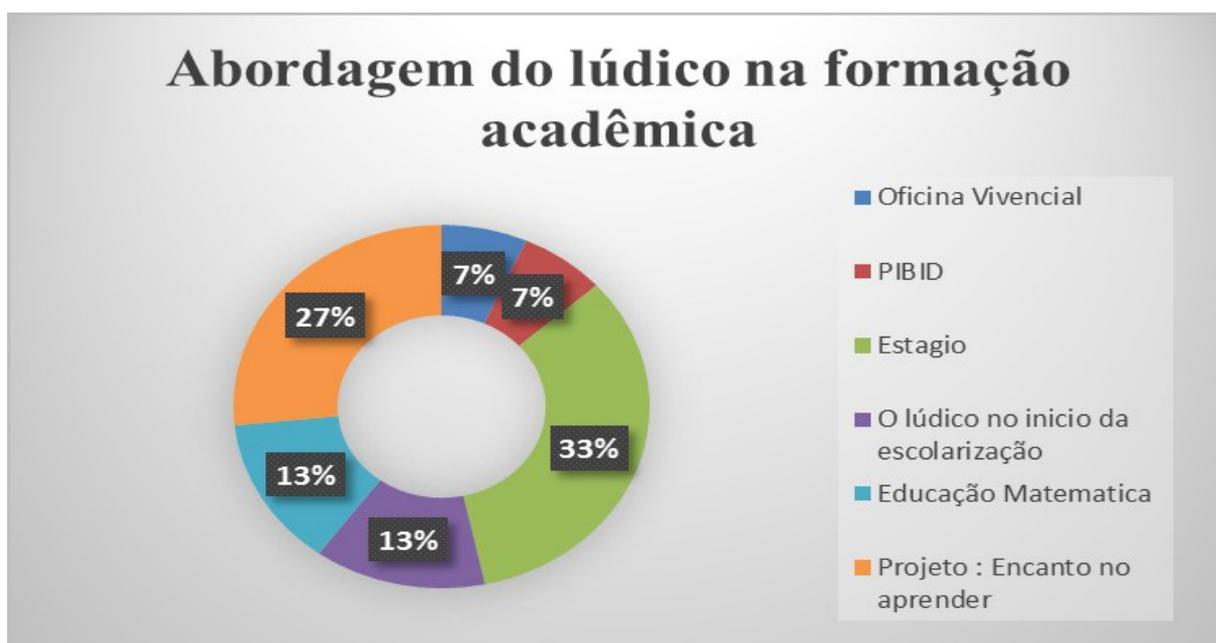


Gráfico 2 – Abordagem do lúdico na formação acadêmica.

Fonte: Da autora.

S1 – Sim, porém não foi em nem uma disciplina do currículo prescrito da pedagogia e sim nas reuniões feitas a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o qual eu tive oportunidade de participar ao longo do meu curso.

S2 – Na disciplina do professor Villar, atividades lúdicas para início de escolarização. Educação matemática, ministrada pelo professor Cristiano Muniz.

S3 – Em projeto 4 conversei bastante sobre a ausência do lúdico nas atividades observadas pelo grupo nas escolas em que estavam fazendo estágio. Educação matemática com o professor Cristiano, aprendi a elaborar as atividades matemáticas, sempre preocupada com o lúdico. Em eventos, algumas mesas redondas ou grupos de trabalho e leituras pessoais.

As afirmações expostas acima são visíveis no currículo vigente do curso de Pedagogia, que, em termos de formação acadêmica, é um dos mais completos e inovadores. Contudo, atualmente vem sofrendo com a pouca oferta de disciplinas que tratem da referida temática,

além da perda do projeto “Encanto no aprender: O Lúdico no contexto educacional”¹, que deixou de ser ofertado.

Disciplinas acadêmicas como, por exemplo, oficina vivencial e educação matemática, não tratam diretamente da teoria lúdica; entretanto, trabalham a prática lúdica em sala de aula, tornando-as extremamente importantes para a formação dos futuros profissionais da educação. Mas, apenas o contato com a prática lúdica em uma disciplina, sem um embasamento teórico específico, pode resultar em uma aplicação errônea do lúdico como método de ensino, porque, de acordo com as concepções de Vygotsky (1998), uma prática pedagógica adequada decorre não somente por deixar as crianças brincarem, mas, fundamentalmente, por ajudar as crianças a brincar, por brincar com as crianças e até mesmo por ensinar as crianças a brincar.

Segundo o professor Almeida (1987), a educação lúdica pode ter duas consequências, dependendo de ser bem ou mal utilizada:

- I. A educação lúdica pode ser uma arma na mão do professor despreparado, capaz de mutilar não só o verdadeiro sentido da proposta, mas servir de negação do próprio ato de educar.
- II. A educação lúdica pode ser para o professor competente um instrumento de unificação, de libertação e de transformação das reais condições em que se encontra o educando. É uma prática desafiadora, inovadora, possível de ser aplicada. Aqui é possível visualizar a necessidade de um profissional completo.

Segundo o Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia (UnB, 2002), para uma adequada implementação do currículo, faz-se necessário uma coordenação pedagógica diferenciada. Ao insistir na dimensão “pedagógica”, ressalta-se sua função principal: implementar, estimular, acompanhar e avaliar o desenvolvimento curricular.

Dentro de tal perspectiva, cumprir-lhe-á:

- 1) supervisionar a oferta semestral dos estudos e atividades, buscando o atendimento à totalidade dos estudantes;
- 2) Coordenar as atividades de elaboração e discussão de ementas e programas, tendo sempre a perspectiva do Curso como totalidade orgânica, sobre-pairando à fragmentações e compartimentalizações temáticas ou organizacionais;
- 3) Promover a avaliação sistemática do desenvolvimento curricular, preservando seu caráter integrado, institucional e multidimensional;

¹ Este projeto tinha como objetivo proporcionar a construção de conhecimentos por meio de fundamentações teóricas, vivências, confecções de materiais e a aplicação de jogos brinquedos e brincadeiras nas séries iniciais (escolas da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE/DF), centros de ensino especial, centros de apoio, etc.), com base na ludicidade como estratégia de aprendizagem. O que o tornava de suma importância a aqueles que desejavam seguir esta área de estudo.

4) Mobilizar a comunidade da FE (gestores, docentes, discentes e corpo técnico-administrativo) para a avaliação e aperfeiçoamento do Projeto Acadêmico (UnB, 2002).

A profissão de professor exige preparo, atenção e dedicação. Um currículo como aquele expresso anteriormente, apesar de inovador e bastante completo, se não aplicado na sua totalidade, pode resultar em perdas qualitativas na formação do profissional da educação, refletindo em uma baixa qualidade no ensino.

Em tal contexto, a formação de professores é um assunto importante, já que o avanço no processo ensino aprendizagem depende, em parte, da atuação do professor. Assim, a formação de professores, seus desafios e dilemas de suma relevância, devem estar dispostos a discutir a aprendizagem das crianças na educação infantil.

De fato, mesmo dentro de um curso considerado inovador, como o curso de Pedagogia da UnB, a falta de continuidade das ofertas de algumas disciplinas e o encerramento de alguns projetos desfavorece a formação dos futuros educadores que saem daquela instituição.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu art. 62, faz saber que:

Art. 62 – A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Conseqüentemente, o ensino nas Instituições de Ensino Superior (IESs) deve ser o mais completo e fornecer a base para o trabalho da docência. Mas, tal formação não necessariamente precisa ser só em disciplinas do currículo; pode ocorrer em projetos extracurriculares e programas que integrem a teoria com a prática.

O profissional pedagogo tem encontrado dificuldades para desenvolver um olhar e uma escuta sensível para a aprendizagem da criança por meio da ludicidade. Entretanto, foi possível compreender que tal fato pode ser compensado, como no caso do sujeito partícipe da pesquisa, “S1”, que não obteve seu aprendizado sobre o lúdico em matérias curriculares, e sim, em um programa de extensão de projeto extra curricular, e ainda, foi o participante que melhor conceituou o lúdico na pesquisa, fornecendo uma definição bem próxima do conceito real do lúdico.

Tal fato remete à próxima categoria, apresentada em tabela a seguir (Tabela 3), constituída a partir de três questões apresentadas no questionário aplicado: “Em relação a sua formação acadêmica, como foi visto o lúdico? Como você vê a sua prática (principalmente em relação ao lúdico) no início de sua atuação profissional na educação infantil com relação a sua prática de hoje? Diante da consideração anterior, como você trabalha o lúdico no cotidiano escolar?”

Tabela 3 – Categoria 3 – Abordagem na prática docente.

CLASSES	RESPOSTAS	OCORRÊNCIAS
Houve prática docente	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Estágios	4
Não houve prática docente	Ainda não atuo profissionalmente Ainda me sinto pouco instruída para realizar práticas docentes Não pretendo atuar com o público infantil Não possuo experiência profissional	7

Fonte: Da autora.

Ao perceber que outro participante que conceituou o lúdico também não havia adquirido tal conhecimento em disciplinas, mas sim, em suas experiências de estágio, foi possível observar que a teoria não deve ser restringida à apenas o currículo, sendo possível desenvolver tal aprendizado (e tantos outros) em atividades práticas teóricas.

Devido à pequena amostragem desta pesquisa e como foi preciso desconsiderar aproximadamente 64 % das respostas para a montagem da tabela apresentada anteriormente, por consequência da falta de prática docente com alunos da educação infantil, faz-se importante evidenciar que os alunos universitários pesquisados que possuem a prática docente tiveram uma evolução do seu entendimento de lúdico após a prática ou observação docente, conforme as respostas expressas a seguir:

S1 – [...] a minha percepção sobre as atividades lúdicas e a ludicidade em geral mudaram, pois antes não enxergava a intencionalidade das brincadeiras e das atividades lúdicas em geral eu achava que era apenas uma coisa divertida, um passatempo, mas não reconhecia a intencionalidade pedagógica.

S2 – Vejo já com outros olhos, pois antes via o lúdico apenas como brincar livremente mas percebo que na escola o lúdico deve ter uma intencionalidade educativa.

S3 – [...] Devido a todos os conhecimentos já adquiridos atualmente vejo o lúdico de uma forma muito diferente, compreendo mais sua importância.

Tal evolução no pensamento dos entrevistados é algo notório e, apesar de que este conhecimento que advém da experiência, nem sempre é valorizado, constitui as teorias pessoais dos professores. Segundo Handal e Lauvas (1987 *apud* ZEICHNER; LISTON, 1996), as referidas teorias têm sua origem nas experiências pessoais, no conhecimento transmitido e nos valores essenciais. Trata-se, então, de um conhecimento que se fundamenta, entre outros aspectos, no conhecimento acadêmico adquirido por cada professor. Contudo, o professor, muitas vezes, não está consciente ou consegue sistematizar este conjunto de saberes que formam suas teorias pessoais, não conseguindo precisar quais os princípios que devem embasam sua prática laboral.

Entende-se, portanto, que tal conhecimento, apesar de não ser um conhecimento formal adquirido em sala de aula, não deve ser descaracterizado como conhecimento em si mesmo, uma vez que se trata, então, de um conhecimento produzido pelo próprio professor e de domínio particular. No entanto, isso não o torna menos importante.

A observação posterior foi que, mesmo entre os que não possuíam prática docente, houve um consenso em que o lúdico, dentro do ambiente escolar da educação infantil, é significativamente valoroso para a criança, e que seria uma técnica utilizada pelos pesquisados dentro de sala de aula – afirmativa que pode ser apurada nas respostas a seguir:

S1 – Apesar se não ter nenhuma prática, a minha percepção sobre as atividades lúdicas e a ludicidade em geral mudaram, pois antes não enxergava a intencionalidade das brincadeiras e das atividades lúdicas em geral eu achava que era apenas uma coisa divertida, um passatempo, mas não reconhecia a intencionalidade pedagógica. [...] Eu acredito que a principal vantagem é aproximar o aluno da aprendizagem, seria o vulgo “tomar gosto” seja pela escola, pelos estudos, pelo questionamento e principalmente proporcionar à criança um espaço em que ela possa se colocar.

S2 – Não estou trabalhando ainda. Acredito que o professor pode trabalhar o lúdico no cotidiano escolar de diversas formas. A rotina escolar permite que as atividades sejam aprimoradas e planejadas de diferentes formas. Buscarei, no cotidiano escolar, desenvolver a criatividade e mediar o conhecimento através de atividades que envolvam música, jogos, dança, roda de histórias, interação entre os alunos etc. [...] Lúdico proporciona um interesse maior do aluno em se envolver com as atividades propostas. Pode proporcionar ao aluno que apresenta algum tipo de dificuldade confiança para participar da aula, tirar dúvidas, além de facilitar que os alunos se identifiquem mais com as atividades da escola.

O rompimento com a ideia do brincar é apenas uma distração e que não pode servir como um meio de aprendizagem. Tal fato mostra-se mesmo entre aqueles que não possuem a prática docente, uma vez que tem-se o entendimento de que o lúdico aproxima a criança da escola se utilizado como estratégia de ensino e aprendizagem.

O lúdico utilizado como uma estratégia de ensino e aprendizagem é, assim, percebido como o ato de brincar na escola e, sob a perspectiva de Santos (2002), está relacionado ao professor, que deve apropriar-se de subsídios teóricos que consigam convencê-lo e sensibilizá-lo sobre a importância da referida atividade para a aprendizagem e para o desenvolvimento da criança.

Ao brincar, a criança aprende a respeitar regras, amplia o seu relacionamento social e passa a respeitar a si mesmo e ao outro. Por meio de sua natureza lúdica, a criança começa a expressar-se com maior facilidade; começa a ouvir, respeitar e discordar de opiniões, exercendo sua liderança e, sendo liderada, compartilha sua alegria de brincar. Em contrapartida, em um ambiente controlado e sem incentivos, as crianças acabam evitando expressar seus pensamentos e sentimentos, bem como em realizar qualquer outra atitude com medo de serem constrangidos.

Zanluchi (2005, p. 91) afirma que “a criança brinca daquilo que vive; extrai sua imaginação lúdica de seu dia-a-dia”. Portanto, as crianças, tendo a oportunidade de brincar, estarão mais preparadas emocionalmente para controlar suas atitudes e emoções dentro do contexto social, obtendo, assim, melhores resultados gerais no desenrolar da sua vida.

É essencial que os professores, pais e responsáveis pelas crianças, tenham consciência de que a atividade lúdica na educação infantil é de suma importância para o desenvolvimento infantil. O conhecimento transmitido para a criança pela ludicidade oferta a esta imensuráveis contribuições para sua vida seja pessoal. Como exemplos, tem-se: a expressão das suas emoções, a maneira como interage com seus colegas, seu desempenho físico-motor, seu estágio de desenvolvimento, seu nível linguístico e sua formação ética.

O desenvolvimento pessoal da criança é fundamentado em um processo de autodescobrimento, onde cada criança tende a tomar consciência do que sabe fazer e do que tem dificuldade, como pode potencializar aquilo que faz bem e conviver, ou diminuir, com aquilo que possui menos habilidades. A equiparação pode ser dolorosa para a criança, porém, é eficaz e, às vezes, inevitável. Porém, as atividades lúdicas podem compor tal processo de comparação de forma agradável, divertida e em um clima de companheirismo. Quando a criança joga, ela percebe suas possibilidades e a dos companheiros (DHOME, 2003).

A tabela Express a seguir (Tabela 4) aborda o ponto de vista dos sujeitos entrevistados no que se refere ao lúdico no cotidiano escolar da educação infantil, e foi construída a partir de duas das três últimas questões do questionário: “Tendo em vista sua experiência acadêmica/profissional, quais contribuições o lúdico pode trazer para a vida da criança? Você

considera que o lúdico no cotidiano escolar da educação infantil facilita o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno? Se sim, por quê?” Diante das questões apresentadas, os participantes responderam livremente sobre o lúdico, suas contribuições para a vida da criança, suas considerações sobre o lúdico como agente facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento e, a partir daí, foram elaboradas três classes que abrangessem o que foi dito, a saber: vantagens do lúdico, efeitos do lúdico e brincadeiras e porque a abordagem lúdica.

Tabela 4 – Categoria 4 – O lúdico no cotidiano escolar da educação infantil.

CLASSES	RESPOSTAS	OCORRÊNCIAS
Vantagens do lúdico	Aproximar o aluno da aprendizagem, tornando –a mais interessante para o aluno. Proporcionar à criança um espaço em que ela possa se colocar. Facilitar o envolvimento do aluno com a escola, à medida que rompe com a estrutura tradicional do ensino A criança fica mais à vontade com as atividades educativas	5
Efeitos do lúdico	Facilita a mediação do conhecimento, Torna o ensino e a aprendizagem mais prazerosos para o aluno Facilitar o envolvimento do aluno com a escola, Compreensão melhor dos conteúdos Desenvolvimento da criatividade	7
Porque a abordagem lúdica	Porque brincar é algo que as crianças gostam muito de fazer Porque a brincadeira faz parte da vida da criança	4

Fonte: Da autora.

Entre os sujeitos entrevistados, houve consenso que o brincar é algo próprio do ser humano e que, através de tal ato, a criança não apenas se diverte, mas também se desenvolve enquanto pessoa. Além do mais, a criança se desenvolve enquanto ser social, uma vez que o brincar não é simplesmente um ato comum, mas um ato extremamente complexo, repleto de valores e finalidades morais, que não apenas irão cooperar, mas, também, determinarão o desenvolvimento da personalidade da criança de sua identidade, o sucesso de seu relacionamento social, de sua relação com as vitórias e derrotas presentes na vida, bem como com as frustrações, desilusões, decepções, e ainda, em como lidar com a diversidade de sentimentos com os quais o ser humano se depara a todo instante no decorrer da vida.

Segundo Almeida, (2000, p. 8), “o brincar é uma necessidade básica e um direito de todos. Brincar é uma experiência humana, rica e complexa”, que envolve mais sistemas tanto “inter” quanto “intra” no físico e no psíquico do aluno de educação infantil – fato que apresentaria uma justificativa do porque da utilização da abordagem lúdica. Tal circunstância é assim apresentada pelos entrevistados como:

S1 – Sim, porque a brincadeira faz parte da vida da criança [...].

S2 – [...] Porque brincar é algo que as crianças gostam muito de fazer.

Se a vida é um jogo e o jogo pode se transformar em brincadeira, por que não viver brincando e aprender com a brincadeira? (MARTINS, 2002).

Diante das vantagens e dos efeitos do lúdico no cotidiano escolar da educação infantil, percebe-se que quando brinca, a criança desenvolve ações físicas, mentais, afetivas, de cooperação, de competição, entre outras. No início, são somente ações físicas, mas, aos poucos, vão se tornando mais complexas e evoluem para habilidades cognitivas, emocionais e sociais.

A este respeito, Almeida (2003, p. 46) afirma que “experimentando, vendo, manipulando as coisas, a criança descobre a possibilidade de dar forma ao mundo de acordo com suas impressões, passando não só a evocar e registrar fatos na memória, mas a recriá-los”. Neste sentido, os educadores e auxiliares da educação infantil cumprem um papel fundamental nas instituições quando interagem com as crianças através de ações lúdicas.

Kishimoto (1993) recorda que na área da educação, alguns teóricos (como, por exemplo, Chateau, (1979), Vial (1981) e Alain (1986)) apontam a importância do jogo como recurso para educar e desenvolver a criança, mas defendem, entretanto, a ideia de que as características das atividades lúdicas devem ser respeitadas.

Segundo Kishimoto (1993), têm-se ainda muitas dúvidas entre os educadores que buscam associar o jogo à educação e, uma delas é se o jogo educativo empregado em sala de aula é realmente jogo ou se é um meio para alcançar objetivos. Para aquele autor, um mesmo objeto pode desempenhar funções diferentes, dependendo do contexto em que é utilizado, ou seja, podendo ser brinquedo ou material pedagógico.

Se brinquedos são sempre suportes de brincadeiras, sua utilização deveria criar momentos lúdicos de livre exploração, nos quais prevalece a incerteza do ato e não se buscam resultados. Porém, se os mesmos objetos servem como auxiliar da ação docente busca-se resultados em relação à aprendizagem de conceitos e noções, ao desenvolvimento de algumas habilidades. Nesse caso, o objeto conhecido como brinquedo não realiza sua função lúdica, deixa de ser brinquedo para tornar-se material pedagógico. Um mesmo objeto pode adquirir dois sentidos conforme o

contexto em que se utiliza: brinquedo ou material pedagógico (KISHIMOTO, 1993, p. 15).

Na educação infantil, é importante que se priorize a brincadeira com finalidade pedagógica com a criança, pois, tal fato possibilitará o seu desenvolvimento cognitivo, resultando, no contato posterior com a escrita, o aproveitamento da sistematização da mesma, tornando seu aprendizado mais natural e sem nenhuma dificuldade (VELASCO, 1996). Diante do exposto, tem-se encontrado ainda inúmeras barreiras para se trabalhar ludicamente em sala de aula, conforme percebe-se nas respostas ilustradas a seguir:

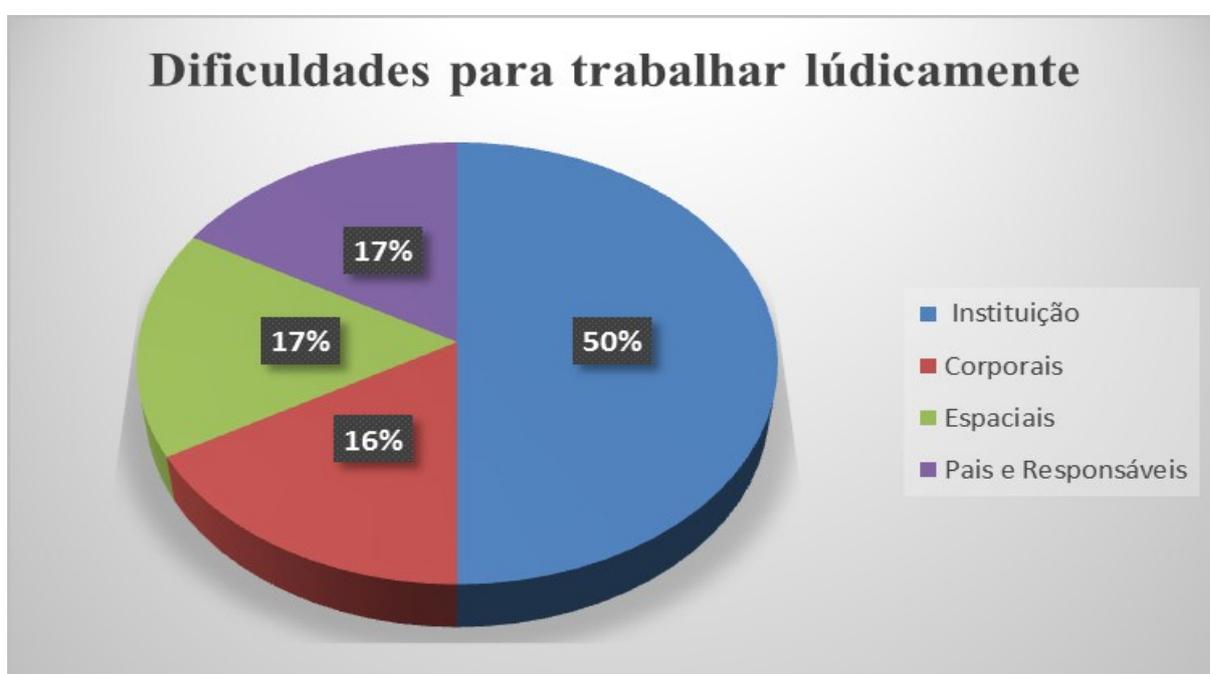


Gráfico 3 – Dificuldades para trabalhar lúdicamente.

Fonte: Da autora.

S1 – A instituição muitas vezes vê o lúdico como um momento em que a criança está apenas brincando [...].

S2 – Devido à pouca instrução, tenho dificuldade em vários aspectos tanto institucionais, quanto espaciais, assim como as consequências corporais.

Culturalmente, a escola é vista como um espaço em que não há tempo para o prazer, apenas espaço para o aprender tradicional e maçante, em que é preciso cumprir os deveres e esperar que aquele tempo acabe. Muitos alunos passam a semana esperando pelo final de semana, o ano esperando pelas férias e a fase adulta para sair da escola. Mas, cada vez, ao avançarmos o nível de ensino, percebe-se que o estudo nunca para, ou melhor, nunca deveria

parar, que seria possível estar sempre em contínua formação, pois, o conhecimento não é estático e nem imutável – está em constante transformação e renovação.

No entanto, tal renovação nem sempre é vista como algo positivo. Em muitos casos, a instituição e os pais vinculam a escola àquele modelo tradicional de ensino que vivenciaram – rigoroso e nada prazeroso. O aprendizado lúdico é uma inovação na forma de ensinar que, durante muito tempo, tem sido fruto de polêmicas.

A partir do momento em que os pais e professores entenderem que o brincar está ligado ao desenvolvimento da criança, perceber-se-á que o jogo pode desempenhar função educativa, desde que este seja pensado e planejado dentro dos sistemas de ensino e com algum respaldo nas pesquisas que ligam o desenvolvimento infantil ao jogo (SANTOS, 2010).

É preciso considerar que as atividades lúdicas não abarcam toda a complexidade que envolve o processo educativo, mas podem, e muito, auxiliar na busca de melhores resultados por parte dos educadores interessados em promover mudanças. Estas servem como mediadoras de avanços e contribuem para tornar a sala de aula um ambiente alegre e favorável (NEVES, 2011).

As instituições tem buscado cada vez mais o respaldo do aprendizado lúdico, para tornar a escola atraente ao aluno, tendo em vista o fim da evasão escolar.

De acordo com Zabalza (1998, p. 236):

O ambiente da aula, enquanto contexto de aprendizagem constitui uma rede de estruturas espaciais, de linguagens, de instrumentos e, finalmente, de possibilidades ou limitações para o desenvolvimento das atividades formadoras.

As dificuldades espaciais são resultado, em grande parte dos casos de instituições que são fracas em recursos físicos necessários para um primoroso desenvolvimento de atividades lúdicas para desenvolvimento cognitivo, sensorial e motor, ofertando, assim, ações limitadas, tendo como consequência, as dificuldades corporais (atraso no desenvolvimento motor etc.) expressas pelas crianças de então.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente estudo, conclui que o lúdico deve ser aplicado como um agente facilitado do desenvolvimento da criança, assim pude perceber em minhas análises que o desenvolvimento ocorre com maior facilidade se houverem incentivos externos que podem ser ofertados pelo professor como um instrumento de aprendizagem.

Esses incentivos dentro da pesquisa foram expostos a todo momento pelos entrevistados mesmo que de forma indireta, como parte fundamental do desenvolvimento infantil na educação infantil.

Observei que esta metodologia é muito bem aceita entre os estudantes de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB). Tal fato pode ser verificado a partir das respostas oferecidas pelos entrevistados, em que houve um consenso da importância e da necessidade do lúdico nas salas de aula de educação infantil .

Percebe se que na Faculdade de Educação (FE) da UnB, tem-se uma abordagem favorável ante a metodologia lúdica de ensino. No entanto, é possível observar que mesmo dentro de um curso considerado inovador – como o curso de Pedagogia da UnB –, a falta de continuidade das ofertas de algumas disciplinas e o encerramento de alguns projetos desfavorecem a formação dos futuros educadores advindos daquela instituição.

Entretanto sabe-se que a utilização do lúdico em sala de aula ainda passará por dificuldades de implementação, devido à sua complexidade. De fato, é um tempo de dúvidas, de mudanças, de transição para algo que a Academia ainda se prepara, para que os futuros profissionais pedagogos sejam cada vez mais completos.

Nesta abordagem do processo educativo – a ludoeducação, a afetividade ganha destaque, pois se acredita que a interação afetiva ajuda mais a compreender e modificar as pessoas do que desenvolver um raciocínio brilhante, repassado mecanicamente. Tal ideia ganha adeptos ao focar as atividades lúdicas no processo do desenvolvimento humano.

Durante a pesquisa a prática está diretamente relacionada com o enriquecimento do conhecimento teórico dos alunos, mas isso não impediu que a ausência da mesma provocasse o interesse e o desejo pela metodologia lúdica. Neste sentido, conclui-se que os alunos que possuem a prática docente tiveram uma evolução do seu entendimento de lúdico aprendido em sala de aula e que mesmo os que não obtiveram pratica tinham o interesse em romper com a ideia do lúdico como apenas o brincar sem objetivo.

Diante das referidas constatações, sinto a necessidade de reafirmar o lúdico – e não subestimá-lo – como forma de ensino e aprendizagem, uma vez que as atividades lúdicas são a essência da infância e do desenvolvimento físico e psicológico da criança.

PARTE 3

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Apesar das incertezas diárias, tenho certeza de que minha vida não irá parar por aqui, pois o futuro provoca expectativas e me move a construir planos.

Em termos profissionais, tenho algumas etapas planejadas a seguir: estudar e concorrer a uma vaga para ser professora no concurso da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE/DF); estabilizar financeiramente para, a partir daí, dar continuidade aos meus estudos na área da educação infantil e do brincar, bem como às minhas áreas de afinidade – pois desejo ser professora da educação infantil; preparar-me adequadamente para assumir o Ensino Fundamental e a alfabetização, lembrando que, em muitos casos, não se pode fazer tal escolha.

Tenho planos ainda em relação à realização de uma pós-graduação na área de Psicopedagogia, pois o referido campo de pesquisa muito me instiga e é uma área que está sempre ensinando novas coisas a cada um de nós.

Espero que, de alguma forma, possa contribuir para a melhoria da educação, seja dentro da sala de aula como professora ou fazendo a diferença em lugares onde minha experiência com a educação seja necessária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ALMEIDA, M. T. P. **Os jogos tradicionais infantis em brinquedotecas cubanas e brasileiras.** São Paulo: USP, 2000. Disponível em: <<http://marcosteodorico.blogspot.com.br/2008/06/artigo-publicado-in-1-congresso.html>>. Acesso em: 02 mar. 2013.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos.** São Paulo: Edições Loyola, 1987.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos.** 11. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

ALVES, Rubem. **A gestação do futuro.** Campinas, SP: Papirus, 1987.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70; 1979

BERELSON, B. **Content analysis in communication research.** New York: Hafner; 1984.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da Republica Federativa do Brasil.** Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990.** Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998, vols. 1, 2 e 3.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº. 9394/1996**. Brasília: Senado Federal, 1996.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; VALLE, Tânia Gracy Martins. Práticas educativas: criatividade, ludicidade e jogos. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Programa de Formação Continuada de Professores na Educação Especial. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências. Departamento de Educação. **Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental**. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008. v. 12. Disponível em: <<http://www2.fc.unesp.br/educacaoespecial/material/Livro12.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

CERISARA, A. B. De como o Papai do Céu, o Coelho da Páscoa, os anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning, 2002.

CHATEAU, J. **O jogo e a criança**. Trad. de Guido de Almeida. São Paulo: Summus, 1987. Coleção Novas Buscas em Educação, vol. 29.

DHOME, Vânia. **Atividade lúdica na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 5. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001. Disponível em: <http://jnsilva.ludicum.org/Huizinga_HomoLudens.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2013.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.

_____. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1993.

MARTINS, João Luiz. **Pedagogia lúdica: jogos e brincadeiras de A a Z**. São Paulo: Rideel, 2002.

MIACARET, Gaston. **A formação de professores**. Coimbra: Semeclina, 1991.

MICHAELIS: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MUCCHIELLI, R. **O questionário na pesquisa psicossocial**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

NEVES, Lisandra Olinda Roberto. O lúdico nas interfaces das... relações educativas. In: VECCHIETTI, Mirelle Cândido. **O lúdico na sala de aula**: propondo atividades diferenciadas. Disponível em: <<http://casadosgirassois.org/2011/10/14/ludico-na-sala-de-aula-propondo-atividades-diferenciadas/>>. Acesso em: 03 fev. 2013.

OLIVEIRA, M. C. S. **Lembranças de infância**: que história é esta? Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, SP, 1999.

OLIVEIRA, Vera Barros de (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. **Educação infantil**: resposta educativa à diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PEREIRA, Lucia Helena P. Ludicidade: algumas reflexões. In: PORTO, Bernadete de Souza (Org.). **Ludicidade**: o que é mesmo isso? Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Gepel, 2002.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **Brinquedoteca**: o lúdico em diferentes contextos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **O brincar na escola. Metodologia lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOUZA, Edison Roberto. O lúdico como possibilidade de inclusão no Ensino Fundamental. **Revista Motrivivência**, v. .8, n. 9, 1996.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

UNIVERSIDADE de Brasília. Faculdade de Educação. **Projeto acadêmico do curso de Pedagogia**. Brasília: UnB, 2002.

VELASCO, Cacilda G. **Brincar, o despertar psicomotor**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZABALZA, Miguel A. Os dez aspectos-chave de uma Educação Infantil de qualidade. In: _____. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Câmara. **Froebel**. Junho de 2005. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/froebel.html>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

ZANLUCHI, Fernando Barroco. **O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação**. Londrina, PR: O autor, 2005.

ZEICHNER, K. M; LISTON, D. P. **Reflective teaching: an introduction**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1996.

APÊNDICE

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE

“O Brincar na Educação Infantil: O lúdico como estratégia educativa”

Caro estudante,

Este questionário tem a finalidade de identificar como a utilização do lúdico influencia na relação que o professor estabelece com seus alunos de educação infantil, no processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, peço um pouco do seu tempo para responder estas questões. **Ressalto que toda informação será utilizada unicamente para realizar o estudo proposto em meu trabalho de conclusão do curso, preservando o sigilo das respostas e dos participantes.**

Responsável pela pesquisa: Bruna Alessandra Silva Lima

- Estudante do curso de pedagogia.
- Orientanda da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Contatos: monografiaub2013@gmail.com ou (61) 8193-0244

Dados Demográficos do Entrevistado:

- Gênero: F _____ M _____
- Idade: _____ anos
- Período em curso: _____

1) O que é o lúdico pra você?

2) Na escola (educação infantil) em que você estudou, como eram desenvolvidas essas atividades lúdicas pela sua professora?

3) O lúdico foi um tema abordado e desenvolvido em algum momento de sua formação? Se sim, de que forma?

4) Quais momentos vêm a sua mente quando falo da educação infantil, da sua escola e das pessoas que estavam lá?

5) Em relação à sua formação acadêmica, como foi visto o lúdico? (Através de disciplinas, estágios ou outra experiência)

6) Como você vê a sua prática (principalmente em relação ao lúdico) no início de sua atuação profissional na educação infantil com relação a sua prática de hoje?

7) Diante da consideração anterior, como você trabalha o lúdico no cotidiano escolar?

8) Tendo em vista sua experiência acadêmica/profissional, quais contribuições o lúdico pode trazer para a vida da criança.

9) Você encontra algum tipo de dificuldade para trabalhar ludicamente com as crianças? Quais? (Institucionais, corporais, espaciais)

10) Você considera que o lúdico no cotidiano escolar da educação infantil facilita o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno? Se sim, porque?

Obrigada por sua atenção e colaboração!

ANEXOS

ANEXO A
FOTO DA FORMATURA DO JARDIM III



ANEXO B
CONVITE PARA O LANÇAMENTO DA OBRA “AVENTURAS NO
PAPEL”

Aventuras no
PAPEL

O INEI - Instituto de Educação Integral tem o prazer de convidar a aluna

Bruna Alessandra Silva Lima,

autora de um texto publicado no livro

Aventuras no Papel,

para dar autógrafos no lançamento da referida obra.

Data: 25/09/2004

Horário: 11 horas

Local: INEI - Asa Sul

Endereço: SGAS 604 – Conjunto C – Av. L2 Sul

Contamos com a sua participação!

(Favor confirmar presença com a Coordenação.)

INEI 

SEMPRE A FRENTE. SEMPRE A SEU LADO.

ANEXO C
FOTO DO “SINUS” – SIMULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA
SECUNDARISTAS



ANEXO D
FOTO DA PRÁTICA DOCENTE NO COLÉGIO MARISTA





UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O lúdico como estratégia educativa

BRUNA ALESSANDRA SILVA LIMA

BRASÍLIA – DF
MARÇO DE 2013